

MANUAL DO
PROFESSOR

ALFREDO BOULOS JÚNIOR

A CONQUISTA

HISTÓRIA

Ensino Fundamental - Anos Iniciais
Componente: História

4

CÓDIGO DA COLEÇÃO

0133P230102000040

PNLD 2023 • OBJETO 1

Material de divulgação
Versão submetida à avaliação

FTD



MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA

A CONQUISTA

HISTÓRIA

Ensino Fundamental - Anos Iniciais
Componente: História



「MANUAL DO
PROFESSOR」

ALFREDO BOULOS JÚNIOR

Doutor em Educação (área de concentração: História da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Mestre em Ciências (área de concentração: História Social) pela Universidade de São Paulo.

Lecionou nas redes pública e particular e em cursinhos pré-vestibulares.

É autor de coleções paradidáticas.

Assessorou a Diretoria Técnica da Fundação para o Desenvolvimento da Educação – São Paulo.



A Conquista – História – 4º ano (Ensino Fundamental – Anos Iniciais)
Copyright © Alfredo Boulos Júnior, 2021

Direção-geral Ricardo Tavares de Oliveira

Direção editorial adjunta Luiz Tonolli

Gerência editorial Natalia Tacetti

Edição João Carlos Ribeiro Junior (coord.)

Luis Gustavo Reis, Raphael Fernandes, Carolina Bussolaro Marciano,
André Amano, Vivian Ayres, Maiza Garcia Barrientos Agunzi, Bárbara Berges,
Rosane Cristina Thahira, Renata Paiva Cesar, Siomara Sodré Spinola

Preparação e revisão de textos Viviam Moreira (sup.)

Fernando Cardoso, Paulo José Andrade

Gerência de produção e arte Ricardo Borges

Design Daniela Máximo (coord.)

Bruno Attili, Carolina Ferreira, Juliana Carvalho (capa)

Imagem de capa Gabi Vasko

Arte e Produção Vinícius Fernandes (sup.)

Sidnei Moura, Jacqueline Nataly Ortolan (assist.), Marcelo dos Santos Saccomann (assist.)

Diagramação Nany Produções Gráficas

Coordenação de imagens e textos Elaine Bueno Koga

Licenciamento de textos Érica Brambila, Bárbara Clara (assist.)

Iconografia Jonathan Santos, Ana Isabela Pithan Maraschin (trat. imagens)

Ilustrações Edson Faria, Fábio Eugenio, Getulio Delphim, Héctor Gómez, Lucas Farauj,
Marcelo Camacho/Conexão, Mozart Couto, Osnei, Rmatias.

Alexandre Bueno, Allmaps, Dacosta Mapas, Maps World, Renato Bassani, Vespúcio
Cartografia (cartografia)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Boulos Júnior, Alfredo

A conquista : história : 4º ano : ensino
fundamental : anos iniciais / Alfredo Boulos
Júnior. -- 1. ed. -- São Paulo : FTD, 2021.

Componente: História.

ISBN 978-65-5742-501-5 (aluno – impresso)

ISBN 978-65-5742-502-2 (professor – impresso)

ISBN 978-65-5742-511-4 (aluno – digital em html)

ISBN 978-65-5742-512-1 (professor – digital em html)

1. História (Ensino fundamental) I. Título.

21-72391

CDD-372.89

Índices para catálogo sistemático:

1. História : Ensino fundamental 372.89

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Reprodução proibida: Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610
de 19 de fevereiro de 1998. Todos os direitos reservados à

EDITORA FTD.

Rua Rui Barbosa, 156 – Bela Vista – São Paulo – SP
CEP 01326-010 – Tel. 0800 772 2300
Caixa Postal 65149 – CEP da Caixa Postal 01390-970
www.ftd.com.br
central.relacionamento@ftd.com.br

Em respeito ao meio ambiente, as folhas
deste livro foram produzidas com fibras
obtidas de árvores de florestas plantadas,
com origem certificada.

Impresso no Parque Gráfico da Editora FTD
CNPJ 61.186.490/0016-33
Avenida Antonio Bardella, 300
Guarulhos-SP – CEP 07220-020
Tel. (11) 3545-8600 e Fax (11) 2412-5375

SUMÁRIO

MATERIAL DE APOIO AO PROFESSOR IV

1. Ler e escrever: um compromisso de todas as áreas..... IV
2. A Base Nacional Comum Curricular VI
3. Alfabetização IX
4. Protagonismo do aluno XIV
5. Ensino de História e a nova concepção de documento XIV
6. Por que estudar a temática afro e a temática indígena? XXI
7. Orientações para o uso da internet XXII
8. Conceitos-chave da área de História XXIII

SEÇÃO INTRODUTÓRIA XXVII

9. Quadro de conteúdos da coleção.....XXVII
10. AvaliaçãoXXIX
11. Matriz articuladora deste volumeXL

BIBLIOGRAFIA COMENTADA.....XLVI

ORIENTAÇÕES ESPECÍFICAS PARA ESTE VOLUME 1

MATERIAL DE APOIO AO PROFESSOR

Esta coleção para os anos iniciais do Ensino Fundamental tem alguns pilares de sustentação, que listamos a seguir.

1. LER E ESCREVER: UM COMPROMISSO DE TODAS AS ÁREAS

O desenvolvimento da competência leitora e escritora é responsabilidade de todas as áreas de conhecimento, e não somente da área de Língua Portuguesa. Entendemos que ler e escrever é um compromisso de todas as áreas, como Matemática, Geografia e também História.

Isso ajuda a explicar a ênfase que demos à leitura e à escrita nos cinco volumes. A História, importante ciência humana, pode e deve dar uma contribuição decisiva nesse processo, e uma das condições para isso é o trabalho planejado com diferentes tipos de textos e com uma diversidade de linguagens (cinematográfica, fotográfica, pictórica; a dos quadrinhos, a da charge, a da literatura, a dos jornais, entre outras).

Boa parte do que os alunos aprendem nas aulas de História é resultado da leitura (de textos e imagens), daí a importância de familiarizá-los também com os procedimentos de leitura, específicos e diferenciados, e adequados a cada um desses registros. Sem nos adentrarmos na discussão teórica sobre o assunto, é importante lembrar que imagem e texto possuem estatutos diferentes e demandam tratamentos e abordagens diferenciados.

Sabendo-se que a leitura possibilita o acesso a conteúdos e conceitos históricos, a tarefa de ensinar a ler e escrever deve ser vista como parte integrante de um curso de História para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Ao receberem um tratamento adequado, os textos e as imagens deixam de servir só para ilustrar ou exemplificar um determinado tema e passam a ser materiais a serem interrogados, confrontados, comparados e contextualizados.

Com esse objetivo, estimulamos a leitura de diferentes gêneros de texto e exploramos de forma sistemática a leitura e a interpretação de imagens fixas. Além disso, incentivamos a escrita, inclusive porque ler e escrever são competências interdependentes e complementares. Eis uma contribuição de especialistas no assunto:

O que seria ler e escrever nas diferentes áreas do currículo escolar? Esse é um dos objetivos que estabelecemos para este livro: desconfinar a discussão sobre leitura e escrita, ampliando o seu âmbito desde a biblioteca e a aula de português para toda a escola. E um dos méritos desse desconfinamento foi a descoberta da leitura e da escrita como confluências multidisciplinares para a reflexão e ação pedagógica.

[...]

Temos claro que ler e escrever sempre foram tarefas indissociáveis da vida escolar e das atribuições dos professores. Ler e escrever bem forjaram o padrão funcional da escola elitizada do passado, que atendia a parcelas pouco numerosas da população em idade escolar. Ler e escrever massiva e superficialmente tem sido a questão dramática da escola recente, sem equipamentos e estendida a quase toda a população.

A sociedade vê a escola como o espaço privilegiado para o desenvolvimento da leitura e da escrita, já que é nela que se dá o encontro decisivo entre a criança e a leitura/escrita. Todo estudante deve ter acesso a ler e escrever em boas condições, mesmo que nem sempre tenha uma caminhada escolar bem traçada. Independente de sua história, merece respeito e atenção quanto a suas vivências e expectativas. Daí a importância da intervenção mediadora do professor e da ação sistematizada da escola na qualificação de habilidades indispensáveis à cidadania e à vida em sociedade, para qualquer estudante, como são o ler e o escrever.

NEVES, Iara C. Bitencourt *et al.* (org.). **Ler e escrever**: compromisso de todas as áreas. 9. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. p. 15-16.

Dáí termos usado, nesta nossa obra, textos historiográficos, históricos, literários, biográficos, depoimentos, entrevistas, notícias, obras de arte, fotografias, desenhos, charges, caricaturas, tiras de quadrinhos, mapas, gráficos, tabelas, cartazes de propaganda, entre outros.

É esse trabalho sistemático e planejado que permitirá aos alunos, leitores e escritores, com a mediação do professor, conquistar autonomia para ler e contextualizar textos e imagens. Nesta coleção, além da importância dada à leitura e à interpretação, buscamos estimular também o desenvolvimento da competência escritora.

► 1.1. NÃO BASTA ENSINAR HISTÓRIA

Para uma boa formação, os alunos precisam entender bem o que leem e saber pensar e escrever.

[...] Há muitas formas de orientar os alunos a ler o texto histórico, desviando-os da terrível decoreba. Um exemplo, à maneira de um jogo de desconstrução e reconstrução, é propor-lhes que identifiquem, a partir de uma espécie de “perguntas-chave”, as informações básicas existentes, digamos, num capítulo do livro didático: o acontecimento principal e os secundários (o quê?); os agentes históricos envolvidos – grupos sociais, instituições, indivíduos e seus respectivos interesses e motivações (quem?); o período histórico e as datas mais importantes (quando?), o lugar geográfico, político, social (onde?). Com base nessas respostas, que mais adiante serão enriquecidas com respostas de outras perguntas (como? e por quê?), o aluno poderá redigir seu texto-resumo, no qual irão figurar as informações essenciais. Essa sinopse do fato histórico é o “esqueleto”, o núcleo desse fato, e é também o que vai possibilitar ao aluno se situar no tempo, no espaço, na história, é o seu “chão” histórico, é a base para argumentação. [...]

RIBEIRO, Marcus Venício. Não basta ensinar história. **Revista Nossa História**, ano 1, n. 6, p. 76-78, abr. 2004.

► 1.2. O QUE SE ESPERA QUE O ALUNO ESCREVA EM HISTÓRIA?

O texto a seguir é de Fernando Seffner, mestre em Sociologia, doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A leitura e a escrita de textos históricos devem levar em conta a necessidade de explicação e utilização de conceitos. Conceitos entendidos aqui como ferramentas de análise, e como possibilidade de universalizar uma discussão. Trabalhamos em história sempre com a análise de situações determinadas. Discutir a qualidade da escrita histórica envolve analisar os recursos conceituais utilizados, as fontes consultadas, a problemática construída, as questões propostas e o estilo narrativo.

[...]

Ler é compreender o mundo, e escrever é buscar intervir na sua modificação. Ao pedir que o aluno escreva um texto de análise histórica, estaremos sempre buscando extrair dele uma posição frente à discussão. Portanto, estamos trabalhando no sentido de que cada aluno desenvolva uma capacidade argumentativa própria, utilizando conceitos claros, num ambiente democrático de troca de ideias e convívio de opiniões diferenciadas. Isso colabora para a formação da identidade política de cada aluno. O que não podemos permitir é que as atividades de leitura e escrita na aula de história se transformem num ritual burocrático, em que o aluno lê sem poder discutir, responde questionários mecanicamente e escreve texto buscando concordar com o professor para ter sua boa nota assegurada. [...]

SEFFNER, Fernando. Leitura e escrita na história. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt (org.). **Ler e escrever:** compromisso de todas as áreas. 9. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. p. 119-120.

2. A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

Esta coleção foi escrita no contexto de um amplo debate nacional em torno da construção de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que define as aprendizagens essenciais a que todos os alunos devem ter direito ao longo da Educação Básica.

► 2.1. A LEGISLAÇÃO QUE DÁ SUPORTE À BNCC

A BNCC está respaldada em um conjunto de marcos legais. Um deles é a Constituição de 1988, que, em seu artigo 210, já determinava que: “serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais”.¹

¹ BRASIL. Casa Civil. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 30 jul. 2021.

Outro marco é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), que, no inciso IV de seu Artigo 9º, afirma:

cabe à União [...] estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96)**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 30 jul. 2021.

A LDB determina também que as competências e diretrizes são comuns, os currículos são diversos.

Esta relação entre o básico-comum e o que é diverso está presente no Artigo 26 da LDB, que diz que:

os currículos da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96)**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 30 jul. 2021.

Disso decorre que o currículo a ser construído deve, então, ser contextualizado. Entende-se por contextualização: a inclusão e a valorização das diferenças regionais, ou mesmo locais, e o atendimento à diversidade cultural.² Isso é coerente com o fato de que o foco da BNCC não é o ensino, mas a aprendizagem como estratégia para impulsionar a qualidade da educação básica em todas as etapas e modalidades.

► 2.2. A BNCC E A BUSCA POR EQUIDADE

A busca por equidade na educação demanda currículos diferenciados e afinados com as inúmeras realidades existentes no país. A equidade leva em conta também a variedade de culturas constitutivas da identidade brasileira. E, além disso, reconhece a diversidade de experiências que os alunos trazem para a escola e as diferentes maneiras que eles têm de aprender.

A busca por equidade visa também incluir grupos minoritários, como indígenas, ciganos, quilombolas e o das pessoas que não tiveram a oportunidade de frequentar uma escola. E se compromete com alunos com algum tipo de deficiência, reconhecendo a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas, conforme estabelecido na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/15).

² Outro marco legal em que a BNCC se apoia é na Lei nº 13.005, de 2014, que promulgou o Plano Nacional de Educação. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13005-25-junho-2014-778970-publicacaooriginal-144468-pl.html>. Acesso em: 30 jul. 2021.

A busca por equidade quer, enfim, propiciar igualdade de oportunidades para que todos possam ingressar, aprender e permanecer na instituição escolar. Uma escola pensada e organizada com base nesse princípio estará aberta à pluralidade e à diversidade, garantindo, assim, que todos possam desenvolver habilidades e competências requeridas no mundo contemporâneo. E conseguirá acolher e estimular a permanência dos estudantes na instituição escolar, independentemente de etnia, religião ou orientação sexual.

► 2.3. BNCC E CURRÍCULOS

A BNCC e os currículos estão afinados com os marcos legais citados nesta apresentação e têm papéis complementares. E, para cumprirem tais papéis, o texto introdutório da BNCC propõe as seguintes ações:

- contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares [...];
- decidir sobre as formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares [...];
- selecionar e aplicar metodologias e estratégias didático-pedagógicas [...];
- conceber e pôr em prática situações e procedimentos para motivar e engajar os alunos nas aprendizagens;
- construir e aplicar procedimentos de avaliação formativa de processo ou resultado [...];
- selecionar, produzir, aplicar e avaliar recursos didáticos e tecnológicos [...];
- criar e disponibilizar materiais e orientações para os professores [...];
- manter processos contínuos de aprendizagem sobre gestão pedagógica e curricular [...].

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF: SEB, 2018. p. 16-17. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 30 jul. 2021.

A implementação da BNCC deverá levar em conta, então, os currículos elaborados por estados e municípios, bem como por escolas. Além de incorporar essas contribuições, a BNCC recomenda contemplar também temas relevantes para o mundo em que vivemos e dar a esses temas um tratamento interdisciplinar. Entre esses temas, merecem especial atenção:

- Direitos das crianças e adolescentes (Lei nº 8.069/90);
- Educação para o trânsito (Lei nº 9.503/97);
- Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741/03);
- Preservação do meio ambiente (Lei nº 9.795/99);
- Educação alimentar e nutricional (Lei nº 11.947/09);
- Educação em direitos humanos (Decreto nº 7.037/09).

2.3.1 BNCC E A COLABORAÇÃO DE CURRÍCULOS

No aspecto pedagógico, os conteúdos curriculares deverão estar a serviço do desenvolvimento de competências. Competência pode ser definida como possibilidade de utilizar o conhecimento em situações que requerem sua aplicação para tomar decisões pertinentes.

Não é demais lembrar que a elaboração de currículos com base em competências está presente em grande parte das reformas curriculares de diversos países do mundo. É esta também a abordagem adotada nas avaliações internacionais da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que coordena o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa, na sigla em inglês).

► 2.4. A NOSSA COLEÇÃO E A BNCC

Nesse contexto pautado por reflexão, debates e mudanças e valendo-nos de uma experiência com a escrita da História acumulada ao longo dos anos, buscamos produzir materiais impressos e digitais alinhados aos pressupostos da BNCC, tais como respeito à pluralidade e à diversidade; busca por equidade e alinhamento a uma educação voltada para a inclusão.

Durante a escrita da nossa coleção didática de História, buscamos afinar a nossa sensibilidade a essas intenções nas escolhas iconográficas, nas abordagens culturais e na seleção de conteúdos, oferecendo assim à leitura uma obra capaz de contribuir efetivamente para a formação integral do ser humano, independentemente de sua origem ou condição social.

É um dos propósitos da nossa obra que esses princípios cheguem à carteira do aluno, de norte a sul do país, em forma de textos, imagens e atividades escolares. E, assim, somar nossos esforços aos dos educadores, pensadores e professores que, de fato, querem contribuir para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Acreditamos que essas escolhas vão impactar positivamente a aprendizagem dos alunos. E isso não é pouco quando se sabe que os leitores (alunos e professores) são a razão principal da nossa existência. Voltando-nos aos nossos colegas professores, criamos o Manual de apoio ao professor, com formato em “U” e orientações página a página, que incorporam experiências e reflexões oriundas da pesquisa acadêmica e do dia a dia da sala de aula.

Por fim, vale dizer que Austrália, Chile, Reino Unido e Estados Unidos construíram e implementaram uma base curricular nacional que tem favorecido a diminuição das discrepâncias educacionais e a melhoria da qualidade da Educação. Por que nós não havemos de conseguir?

3. ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização pode ser entendida como um processo que abarca desde a aquisição do código alfabético até o uso social da língua e das diferentes linguagens, nas mais diversas práticas sociais cotidianas. Nos anos iniciais, potencializamos atividades que contribuem para a aprendizagem e o domínio do Sistema de Escrita Alfabético (SEA), que é a base de nossa escrita.

Aprender a utilizar a linguagem escrita é uma das formas de realizar a leitura de mundo, repleto de outras linguagens – como a linguagem pictórica, a linguagem oral, a linguagem gestual, entre outras. Assim, o processo de alfabetização não se limita à aprendizagem da mecânica da língua; não basta codificar e decodificar, é preciso construir sentidos para o que se lê e atribuir sentidos para o que se escreve.

Textos de diferentes gêneros e formatos (escritos, visuais, híbridos), bem como propostas de escrita com diferentes propósitos, contribuem para a formação do leitor e do produtor textual competente. Entende-se, por leitor competente, aquele que é capaz de realizar leituras com diferentes propósitos (para

estudar, para buscar informações, para se divertir, para seguir instruções, entre outros) e compreendê-las; e por escritor competente aquele que consegue se comunicar (verbalmente ou por escrito), se fazer compreender. Vale ressaltar que a produção oral também precisa ser considerada como produção textual e que os gêneros orais, como debates regrados, seminários, *podcasts*, vídeos-minuto, entre outros, são gêneros que precisam ser ensinados no espaço escolar.

Para a formação do leitor autônomo, faz-se necessário investir em situações que favoreçam o domínio da **fluência em leitura**. A fluência de leitura pressupõe ritmo, entonação, compreensão global tanto na leitura em voz alta quanto na leitura realizada silenciosamente.

Como refere a Política Nacional de Alfabetização, a “**compreensão de textos é o propósito da leitura**”.³ Para que o leitor seja capaz de interpretar adequadamente um texto, ele precisa dominar as diferentes estratégias de produção e condições em que um texto é produzido. Segundo a PNA, são quatro processos gerais que permitem averiguar em que medida o leitor é capaz de atribuir significado ao que lê. São eles: a) localizar e retirar informação explícita; b) fazer inferência direta; c) interpretar e relacionar ideias e informação; e d) analisar e avaliar conteúdos e elementos textuais.

Assim, além da fluência em leitura, é preciso promover também o **desenvolvimento do vocabulário**, tanto o receptivo quanto o expressivo. Para dominar o vocabulário de leitura, no processo inicial, os alunos têm como referência a própria fala, forma de linguagem que ele já desenvolveu.

A produção escrita, por sua vez, diz respeito a habilidade desde escrever palavras até produzir textos. O progresso nos níveis de produção escrita acontece à medida que se consolida a alfabetização e se avança na literacia. Para crianças mais novas, escrever ajuda a reforçar a consciência fonêmica e a instrução fônica. Para crianças mais velhas, a escrita ajuda a entender as diversas tipologias e gêneros textuais.⁴

Postas as questões anteriores sobre o significado da alfabetização, vale destacar duas premissas relevantes apresentadas na PNA. A primeira, que a aprendizagem da leitura e da escrita são processos de ensino-aprendizagem. Na leitura e na escrita, o que se ensina são estratégias que podem potencializar o processamento da informação e a construção de sentidos pelos estudantes, não apenas a identificação das combinações dos grafemas (a decodificação dos símbolos gráficos). Outra premissa destacada pela PNA coloca a família como participante deste processo, em coparticipação com a escola. Com especificidades bem definidas, família e escola podem atuar juntas no processo de alfabetização. Vamos, então, à compreensão de alguns dos conceitos fundamentais apresentados pela PNA.

► 3.1. LITERACIA E LITERACIA EMERGENTE

Entender o que e como a criança aprende, prescinde do conhecimento que se tem sobre a linguagem e sua relação com outros processos cognitivos envolvidos na relação ensino-aprendizagem. O conceito de **literacia** destaca a importância de compreender-se a

³ BRASIL. Ministério da Educação. **PNA**: Política Nacional de Alfabetização. Brasília, DF: Sealf, 2019. p. 34. Disponível em: http://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/caderdo_final_pna.pdf. Acesso em: 7 ago. 2021.

⁴ BRASIL. Ministério da Educação. **PNA**: Política Nacional de Alfabetização. Brasília, DF: Sealf, 2019. p. 34. Disponível em: http://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/caderdo_final_pna.pdf. Acesso em: 7 ago. 2021.

inter-relação entre os diferentes conhecimentos que a criança vivencia desde o momento de seu nascimento para que aprenda a ler e escrever.

Assim, é preciso ter-se em mente que o início do processo de aquisição de leitura e escrita é pautado nos modelos de linguagem que a criança já adquiriu – ou seja, a fala, como já sinalizamos anteriormente. Ao ler para e com uma criança, de maneira dialogada, compartilhando com ela as ilustrações, apontando as palavras lidas, conversando a respeito de seus significados, mostra-se a possibilidade de uso da leitura, pelo compartilhamento da ideia escrita. Ao interpretar com a criança o texto lido, vivenciando com ela uma situação prazerosa, em que a imaginação e a criatividade possam estar em jogo, promove-se o incentivo à construção daquele conhecimento e potencializa-se a aprendizagem da escrita, alicerça-se o processo de alfabetização, constituindo-se, essas práticas, na **Literacia Emergente**.

Assim, podemos falar em **Literacia** como a aprendizagem de habilidades de leitura e escrita relacionada ao sistema de escrita da cultura em que a criança está inserida. No campo da literacia, as **competências leitoras** vão ganhando contornos iniciais na relação que a criança estabelece com diferentes interlocutores. As **estratégias de leitura**, de acordo com Isabel Solé,⁵ são instrumentos necessários para o desenvolvimento de uma leitura proficiente, usadas no ensino de leitura, pressupõem que o aluno compreenda e interprete de forma independente os textos lidos, permitindo a formação de um leitor independente, crítico e reflexivo.

► 3.2. LITERACIA FAMILIAR

As práticas relacionadas à leitura e à escrita que são vivenciadas e compartilhadas no ambiente familiar compreendem a **literacia familiar**. Tais práticas consistem no compartilhamento de leituras, bilhetes, textos no cotidiano familiar que incentivam às crianças a ler e escrever como práticas significativas. No contexto familiar, assim como na escola, a **leitura dialogada**, em que os familiares conversam com a criança sobre o conteúdo lido, a **leitura compartilhada**, em que cada um lê um trecho de uma história, por exemplo, ou a elaboração de textos coletivos (histórias, diários, álbuns, listas de compras ou de tarefas), são atividades que compõem a literacia familiar e que ajudam amplamente a incentivar a criança a adquirir e desenvolver a leitura e a escrita como práticas significativas. Além disso, como preconiza a BNCC, no campo dos estudos das ciências humanas, particularmente, aqui, de história, a valorização da parceria de trabalho com a família, fortalece o reconhecimento do Eu e o sentimento de pertencimento dos alunos à vida da família e da comunidade, bem como da própria história de vida e de sua cultura, fatores primordiais para a constituição de saberes e do sentimento de pertencimento a um determinado grupo ou cultura.

As questões que nos levam a pensar a História como um saber necessário para a formação das crianças e jovens na escola são as originárias do tempo presente. O passado que deve impulsionar a dinâmica do ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental é aquele que dialoga com o tempo atual.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF: SEB, 2018. p. 397. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versoafinal_site.pdf. Acesso em: 7 ago. 2021.

⁵ SOLÉ, Isabel. . **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

► 3.3. CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA, FONÊMICA E FONOLÓGICA

Aprender a escrever significa apropriar-se do Sistema de Escrita Alfabético (SEA) para poder utilizá-lo na produção de textos escritos que possam ser lidos e compreendidos autonomamente, sem a participação de algum mediador. Saber ler implica compreender o que as palavras escritas significam. Saber escrever implica em dominar o SEA e as regras de combinações entre as palavras de modo que se consiga transmitir suas ideias por essa modalidade, ou seja, ser lido e compreendido. O objetivo do ensino da leitura e da escrita é, portanto, mediar a aprendizagem de modo que o aprendiz tenha autonomia nessas atividades de produção e compreensão da escrita.

A percepção de que o Sistema de Escrita Alfabético (SEA) é constituído por letras que se combinam de acordo com regras para que se transformem em palavras, requer orientação, organização e muita experimentação para que se transforme em um conhecimento sistematizado. Nesse processo, o adulto é mediador na construção do conhecimento: promove situações para provocar na criança a tomada de consciência sobre cada parte constitutiva do SEA e os diferentes modos de combinação das letras e palavras que compõem um texto.

Na aprendizagem, a criança vai tomando consciência de que a fala é constituída de pequenas partes, chamadas **fonemas** (a **consciência fonêmica**) e que esses fonemas, combinados de diferentes maneiras, produzem sons diferentes. À percepção do resultado dessa combinação fonêmica, chama-se de **consciência fonológica**.

A consciência fonológica, como um ramo da consciência metalinguística, é entendida como a capacidade de refletir sobre a linguagem, mais especificamente sobre os sons que formam as palavras. Costa (2003, p. 138) define consciência fonológica como “a consciência de que as palavras são formadas por diferentes sons ou grupos de sons e que elas podem ser segmentadas em unidades menores”.

MADRIL, Líliliana Fraga dos Santos. Consciência fonológica, sistema de escrita alfabética e letramento: sequências didáticas na alfabetização. In: X ANPED SUL. *Anais [...]*, Florianópolis, out. 2014. Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1296-0.pdf. Acesso em: 3 ago. 2021.

Nas várias combinações de sons, palavras, sentenças, textos falados e escritos se constroem e podem ser, também, compreendidos, nos jogos de palavras, nas interações, nas diferentes situações em que as palavras são enunciadas. À percepção dessas ações chama-se **consciência linguística**, que só é possível pela **mediação** do outro. É assim que a palavra "manga" pode ser entendida como parte de uma camisa ou uma fruta, que "sapo" combina com "papo" pelos sons das duas palavras, mais do que pelos sentidos. Assim, quando se ensina a ler e a escrever em um sistema alfabético, o que se ensina é um modo de representação gráfica que representa sons e sentidos por meio de letras e palavras.

Enfim, a exposição da criança a materiais em que a escrita esteja presente, com um adulto mediando a apropriação desses materiais para que eles façam sentido e sejam compreendidos em seus usos sociais, como nos ensina Vygotsky,⁶ potencializa a aprendizagem da criança em todos os aspectos de seu desenvolvimento integral, biopsicossocial e cultural.

A exposição a diferentes materiais e saberes, em diferentes relações sociais, promove a aprendizagem. O trabalho com História, como indicado pela BNCC, por meio dos **processos** de identificação,

⁶ VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001; VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

comparação, contextualização, interpretação e análise de um objeto, estimula o pensamento, produz saberes, entre os quais destaca-se:

a capacidade de comunicação e diálogo, instrumento necessário para o respeito à pluralidade cultural, social e política, bem como para o enfrentamento de circunstâncias marcadas pela tensão e pelo conflito. A lógica da palavra, da argumentação, é aquela que permite ao sujeito enfrentar os problemas e propor soluções com vistas à superação das contradições políticas, econômicas e sociais do mundo em que vivemos.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF: SEB, 2018. p. 398. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versoafinal_site.pdf. Acesso em: 7 ago. 2021)

▶ 3.4. NUMERACIA

Outro conceito importante apresentado na PNA é a **Numeracia**, ou seja, as habilidades de matemática que permitem resolver problemas da vida cotidiana e lidar com informações matemáticas.⁷ Segundo a PNA, o conhecimento dos processos de aprendizagem de leitura, escrita e matemática têm como objetivo a compreensão de diversas situações da vida e não se separam de outras dimensões do desenvolvimento como o físico, emocional, moral, social, cognitivo e linguístico, devendo sempre acontecer em contextos pedagógicos adequados.

De acordo com a BNCC, no desenvolvimento de conteúdos relativos à História, aprender a identificar códigos variados é tarefa necessária para o desenvolvimento da cognição, comunicação e socialização, competências essenciais para o viver em sociedade.⁸ Nesse contexto, um exemplo do quanto a numeracia é importante e pode ser implementada pela História, está na compreensão do significado sobre as diferentes formas de registros numéricos, de contagem de pessoas, por exemplo, que varia entre culturas diferentes. Identificar essas diferenças significa tomar consciência de que existem várias formas de apreensão da realidade.⁹

▶ 3.5. O PISA E A COMPETÊNCIA LEITORA

O Pisa é um exame que busca medir o conhecimento e a habilidade em leitura, matemática e ciências de estudantes com 15 anos de idade. Ele é organizado pela OCDE e ocorre de três em três anos.

Na primeira edição do Pisa, em 2000, o Brasil obteve 396 pontos em leitura; na sexta, ocorrida em 2015, atingiu a casa dos 407 pontos. Na edição de 2018, a média dos estudantes brasileiros foi a 413 pontos, um pequeno avanço em relação ao exame de 2015. É certo que houve uma melhoria desse indicador em relação à primeira edição, quando o resultado do Brasil foi de 396 pontos, mas essa elevação, segundo critérios da OCDE, não é estatisticamente relevante. Portanto, a situação de dificuldade com a competência leitora entre nossos estudantes tem permanecido estável por muito tempo, por isso o assunto merece atenção.

⁷ BRASIL. Ministério da Educação. **PNA**: Política Nacional de Alfabetização. Brasília, DF: Sealf, 2019. p. 24. Disponível em: http://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/caderdo_final_pna.pdf. Acesso em: 7 ago. 2021.

⁸ BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF: SEB, 2018. p. 404. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versoafinal_site.pdf. Acesso em: 7 ago. 2021.

⁹ BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF: SEB, 2018. p. 403. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versoafinal_site.pdf. Acesso em: 7 ago. 2021.

Sabendo que o Pisa constrói as questões das provas de leitura com o objetivo de medir a compreensão e a interpretação de textos e imagens e o grau de autonomia do aluno para compreender a realidade e reconhecê-la por meio da representação gráfica, conclui-se que nossos alunos precisam muito desenvolver tanto a competência leitora quanto a escritora. Daí a ênfase que demos a esse trabalho desde os anos iniciais do Ensino Fundamental.

4. PROTAGONISMO DO ALUNO

O aluno é visto como protagonista na construção do saber histórico escolar. Daí a nossa decisão de escutar a voz do aluno, valorizar suas falas e suas produções. O aluno não é um vaso onde se plantam as flores que se quer, mas sim um sujeito ativo que, desde cedo, entra em contato com diferentes linguagens e tem de responder a diferentes estímulos: textuais, imagéticos, sonoros, gestuais, entre outros.

► 4.1. ATIVIDADES QUE ESTIMULAM O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

Podemos distinguir três competências fundamentais nos seguintes níveis:

- **Nível básico:** se desenvolvem por meio de atividades como ler, identificar, observar, localizar, descrever, nomear, perceber, entre outras.
- **Nível operacional:** se desenvolvem por meio de atividades como associar, relacionar, comparar, compreender, interpretar, justificar, representar, entre outras.
- **Nível global:** se desenvolvem por meio de atividades como avaliar, analisar, aplicar, construir, concluir, deduzir, explicar, inferir, julgar, resolver, solucionar, entre outras.

A articulação entre esses três níveis de competências é decisiva no processo de ensino-aprendizagem e está no cerne da nossa proposta didático-pedagógica.

5. ENSINO DE HISTÓRIA E A NOVA CONCEPÇÃO DE DOCUMENTO

Na visão positivista da História, o documento era visto, sobretudo, como prova do real. Aplicada ao livro escolar, essa forma de ver o documento assumia um caráter teleológico – o documento cumpria uma função bem específica: ressaltar, exemplificar e, sobretudo, dar credibilidade à argumentação desenvolvida pelo autor. Na sala de aula isso se reproduzia: o documento servia para exemplificar, destacar e, principalmente, confirmar a fala do professor durante a exposição.

Com a Escola dos Annales, fundada pelos historiadores franceses Lucien Febvre e Marc Bloch, adveio uma nova concepção de documento que nasceu da certeza de que o pas-

sado não pode ser recuperado tal como aconteceu, e que a sua investigação só pode ser feita tomando-se por base os problemas colocados pelo presente. Essa nova corrente historiográfica, que se formou com base na crítica ao positivismo, propôs um número tão grande e significativo de inovações que o historiador Peter Burke referiu-se a essa corrente como “a Revolução Francesa da historiografia”.

Contra-pondo-se à escola positivista, tributária do pensamento do filósofo alemão Leopold von Ranke, que via o documento como prova do real e capaz de falar por si mesmo, a Escola dos Annales propunha uma ampliação e um novo tratamento a ser dado ao documento. Eis o que diz Jacques Le Goff, um dos teóricos da nova História:

[...] A História Nova ampliou o campo do documento histórico; ela substituiu a história de Langlois e Seignobos, fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos: [...] figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais etc. Uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, um filme, ou, para um passado mais distante, um pólen fóssil, uma ferramenta, um ex-voto são, para a História Nova, documentos de primeira ordem. [...]

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 28-29.

Mas, se por um lado, é consensual entre os historiadores que estamos vivendo uma “revolução documental”, a reflexão sobre o uso de documentos em sala de aula merece maior atenção. Com base nas reflexões daqueles que pensaram o assunto e em nossa experiência docente recomendamos, ao trabalhar com documentos na sala de aula:

- a)** evitar ver o documento como “prova do real”, procurando situá-lo como ponto de partida para se construírem aproximações em torno do episódio focalizado;
- b)** ultrapassar a descrição pura e simples do documento e apresentá-lo ao aluno como matéria-prima de que se servem os historiadores na sua incessante pesquisa;
- c)** considerar que um documento não fala por si mesmo. É necessário levantar questões sobre ele e com base nele. Um documento sobre o qual não se sabe por quem, para que e quando foi escrito é como uma fotografia sem crédito ou legenda: tem pouca serventia para o historiador;
- d)** levar em conta que todo documento é um objeto material e, ao mesmo tempo, portador de um conteúdo;
- e)** considerar que não há conhecimento neutro: um documento tem sempre um ou mais autores, e ele(s) tem(têm) uma posição que é necessário que se saiba identificar. Visto por este ângulo, o trabalho com documentos tem pelo menos três utilidades:
 - facilita ao professor o desempenho de seu papel de mediador. A sala de aula deixa de ser o espaço onde se ouvem apenas as vozes do professor ou a do autor do livro didático (tido muitas vezes como narrador onisciente que tudo sabe e tudo vê) para

ser o lugar onde ecoam múltiplas vozes, incluindo-se aí as vozes de pessoas que presenciaram os fatos focalizados;

- possibilita ao aluno desenvolver um olhar crítico e aperfeiçoar-se como leitor e produtor de textos históricos;
- diminui a distância entre o conhecimento acadêmico e o saber escolar, uma vez que o aluno é convidado a se iniciar na crítica e contextualização dos documentos, procedimento importante para a educação histórica.

► 5.1. O TRABALHO COM IMAGENS FIXAS

Vivemos em uma civilização da imagem. Uma grande quantidade de imagens é posta diariamente diante dos olhos dos nossos alunos numa velocidade crescente, e sua transformação em fonte para o conhecimento da História pode, com certeza, ajudar na formação de um leitor atento, autônomo e crítico. Um leitor capaz de perceber que a imagem não reproduz o real; ela congela um instante do real “organizando-o” de acordo com uma determinada estética e visão de mundo. Um leitor capaz de receber criticamente os meios de comunicação; capaz, enfim, de perceber que a imagem efêmera que a mídia veicula como verdadeira pode ser – e quase sempre é – a imagem preferida, a que se escolheu mostrar!

Esse fato não passou despercebido pelos professores que, reconhecendo o potencial pedagógico das imagens, passaram a utilizá-las com frequência no ensino de História. Elencamos a seguir alguns cuidados necessários para o trabalho com elas.

► 5.2. CUIDADOS AO TRABALHAR COM IMAGENS

Ao se decidir pelo uso de imagens fixas na sala de aula, levar em conta que essa prática pedagógica requer vários cuidados, alguns dos quais são listados a seguir:

5.2.1. A IMAGEM É POLISSÊMICA

Misto de arte e ciência, técnica e cultura, a imagem é polissêmica; até um simples retrato admite várias interpretações. Exemplo disso é ver um álbum de fotografias em família – uma mesma foto que desperta alegria ou satisfação nos avós poderá ser causa de inibição ou vergonha para os netos. Outro exemplo:

Mona Lisa, certamente o quadro mais conhecido do mundo, pode ser tomado como exemplo dessa característica da

MUSEU DO LOUVRE, PARIS, GILLMAR/SHUTTERSTOCK.COM



▲ Leonardo da Vinci. **Mona Lisa**, 1503-1518. Óleo sobre madeira, 77 cm x 53 cm.

imagem. Já se afirmou que se estivermos melancólicos temos tendência a ver, no sorriso enigmático da personagem retratada, melancolia; se estivermos alegres, ela nos parecerá contente; ou seja, ela expressa os nossos sentimentos no momento em que a vemos.

5.2.2. A IMAGEM É UMA REPRESENTAÇÃO DO REAL

De natureza polissêmica, a imagem é uma representação do real e não a sua reprodução. Sobre isso relata Pierre Villar que certa vez perguntou a seus alunos:

— O que é Guernica?

Eles lhe responderam imediatamente:

— Guernica é um quadro!

Daí comenta o arguto historiador Pierre Villar:

Efetivamente, [...] Guernica – no espírito de muita gente que não tem mais cuidado de saber exatamente de onde isto surgiu – é um quadro de Picasso. [...] Guernica tornou-se a representação de um fato preciso. O fato preciso está esquecido, a representação continua.

D'ALESSIO, Márcia Mansor *et al.* (org.). **Reflexões sobre o saber histórico**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998. p. 30. (Prismas).

O fato preciso a que Pierre Villar está se referindo é, como se sabe, o bombardeio da pequenina cidade espanhola de Guernica pela aviação nazista, a mando de Hitler, durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939). O fato, o bombardeio, ocorrido em 26 de abril de 1937, foi esquecido; a representação produzida por Picasso, um óleo sobre tela, com o nome de Guernica, permaneceu marcando gerações. Não é demais repetir – quando o professor perguntou o que é Guernica, os alunos responderam: um quadro.

© SUCCESSION PABLO PICASSO/AUTVIS, BRASIL, 2021



▲ Pablo Picasso. **Guernica**, 1937. Óleo sobre tela, 349 cm × 776 cm.

5.2.3. A IMAGEM POSSUI UM EFEITO DE REALIDADE

O que torna mais escorregadio o terreno para quem se decide pelo uso de imagens na sala de aula é justamente o fato de a imagem possuir um efeito de realidade, ou seja, a capacidade de parecer a própria realidade.

Se apresentarmos ao alunado a imagem de D. Pedro I, de barba escura, e a de D. Pedro II, de barba branca, e perguntarmos qual deles é o pai e qual é o filho, muitos dirão, provavelmente, que D. Pedro I é que é o filho de D. Pedro II!

Sobre a construção das imagens de D. Pedro I, como jovem, e a de D. Pedro II, como velho, observou uma estudiosa:

A ilustração do pai jovem e do filho velho tem causado uma certa perplexidade aos jovens leitores e falta a explicação do aparente paradoxo. A imagem de um D. Pedro II velho foi construída no período pós-monárquico e demonstra a intenção dos republicanos em explicar a queda de uma monarquia envelhecida que não teria continuidade. É interessante destacar a permanência dessas ilustrações na produção atual dos manuais, reforçando uma interpretação utilizada pelos republicanos no início do século XX, mesmo depois de variadas pesquisas e publicações historiográficas sobre os conflitos e tensões do período.

BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 80.

COLEÇÃO PARTICULAR, GILLMAR/SHUTTERSTOCK.COM



▲ Simplício Rodrigues de Sá. **D. Pedro I**, 1826. Óleo sobre tela, 60 cm x 76 cm.

MUSEU IMPERIAL, PETRÓPOLIS, RIO DE JANEIRO, GILLMAR/SHUTTERSTOCK.COM



▲ Pedro Américo. **D. Pedro II na abertura do Parlamento**, 1872. Óleo sobre tela.

5.2.4. VER NÃO É SINÔNIMO DE CONHECER

Vivemos num tempo em que se busca reduzir o acontecimento à sua imagem, em vez de explicá-lo e contextualizá-lo historicamente; numa época em que querem nos fazer crer que ver é sinônimo de conhecer. No entanto, é preciso que se repita à exaustão: “eu vi” não significa “eu conheço”. Assim, ver no noticiário televisivo um episódio do conflito no Oriente Médio não significa conhecer aquele conflito, seus motivos, contexto, teatro de operações etc. Sobre isso disse uma estudiosa:

Os historiadores se deparam hoje com este fenômeno histórico inusitado: a transformação do acontecimento em imagem. [...] Não se busca mais tornar politicamente inteligíveis uma situação ou um acontecimento, mas apenas mostrar sua imagem. Conhecer se reduz a ver ou, mais ainda, a “pegar no ar”, já que a mensagem da mídia é efêmera.

BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe (org.) **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 80.

Um equívoco recorrente quando o assunto é imagem é a afirmação de que a imagem fala por si mesma. Como lembrou uma ensaísta:

É ilusório pensar-se que as imagens se comuniquem imediata e diretamente ao observador, levando sempre vantagem à palavra, pela imposição clara de um conteúdo explícito. Na maioria das vezes, ao contrário, se calam em segredo, após a manifestação do mais óbvio: por vezes, em seu isolamento, se retraem à comunicação, exigindo a contextualização, única via de acesso seguro ao que possam significar. Por outro lado, são difíceis de se deixarem traduzir num código diverso como o da linguagem verbal.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família**: leitura da fotografia histórica. São Paulo: Edusp, 1993. p. 12.

De fato, a imagem é captada pelo olho, mas traduzida pela palavra. Tomá-la como fonte para o conhecimento da História envolve vê-la como uma representação, uma estratégia, uma linguagem com sintaxe própria; para obter as informações com base nela é indispensável desnaturalizá-la e contextualizá-la, interrogando-a com perguntas como: por que, por quem, em que contexto e com que intenção foi produzida. É indispensável, enfim, perceber que a imagem não reproduz o real; ela congela um instante do real, “organizando-o” de acordo com uma determinada estética e visão de mundo.

► 5.3. IMAGENS FIXAS NA SALA DE AULA

O trabalho com imagens pode ajudar no desenvolvimento da competência de ler e escrever com base no registro visual, bem como estimular as habilidades de observar, descrever, sintetizar, relacionar e contextualizar. Além disso, contribui decisivamente para a “educação do olhar”, para usar uma expressão cunhada por Circe Bittencourt.

Com base nas reflexões de alguns estudiosos e em nossa experiência didática, e cientes de que essa tarefa não é das mais fáceis, propomos a seguir alguns procedimentos para introduzir a leitura de imagens fixas na sala de aula:

Passo número 1. Apresentar ao aluno uma imagem (fotografia, pintura, gravura, caricatura etc.) sem qualquer legenda ou crédito. A seguir, pedir a ele que observe a imagem e, antes de qualquer coisa, descreva livremente o que está vendo. A intenção é permitir que o aluno associe o que está vendo às informações que já possui, levando em conta, portanto, seus conhecimentos prévios. Nessa leitura inicial, o aluno é estimulado a identificar o tema, as personagens, suas ações, posturas, vestimentas, calçados e adornos, os objetos presentes na cena e suas características, o que está em primeiro plano e ao fundo, se é uma cena cotidiana ou rara. Enfim, estimular no aluno o senso de observação e a capacidade de levantar hipóteses e traçar comparações.

Passo número 2. Buscar com o aluno o máximo de informações internas e externas à imagem.

Para obter as informações internas (quando o destaque forem as pessoas), fazer perguntas como: Quem são? Como estão vestidas? O que estão fazendo?

Quem está em primeiro plano? E ao fundo? etc. Já quando o destaque for um objeto, perguntar: O que é isto? Do que é feito? Para que serve ou servia? Onde se encontra?

Quanto às informações externas, perguntar: Quem fez? Quando fez? Para que fez? Em que contexto fez?

Passo número 3. De posse das informações obtidas na pesquisa, pedir ao aluno, ele próprio, que produza uma legenda para a imagem. A legenda pode ser predominantemente descritiva, explicativa, analítica e/ou ainda conter uma crítica.

Na produção da legenda pelo aluno, são trabalhadas principalmente as habilidades de observar, descrever, associar, relacionar, sintetizar e, por fim, contextualizar. Levar o aluno a contextualizar o oceano de imagens que seus olhos absorvem a todo instante numa velocidade crescente talvez seja um dos maiores desafios do professor de História.

Por fim, uma pergunta: por que trabalhar com imagens em sala de aula?

O trabalho com imagens na sala de aula atende a três propósitos:

- a) educar o olhar;
- b) contribuir para a formação ou consolidação de conceitos;
- c) estimular a competência escritora.

Na nossa prática docente, nós, professores de História, habitualmente propomos um texto, o interrogamos, e, assim, estimulamos o alunado a escrever com base nele. O que estamos propondo é continuar estimulando a escrita com base em um texto, mas, ao mesmo tempo, levar o alunado a escrever também com base em uma imagem (um texto para ela, sobre ela, tomando-se por base ela).

6. POR QUE ESTUDAR A TEMÁTICA AFRO E A TEMÁTICA INDÍGENA?

Em 2003, coroando uma luta de décadas da sociedade civil, o governo promulgou a Lei nº 10.639, que tornou obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira no Ensino Fundamental e Médio das escolas públicas e particulares.

A Lei nº 11.645/08 modificou a Lei nº 10.639/03 e acrescentou a obrigatoriedade de também se estudarem história e cultura dos povos indígenas no Ensino Fundamental e Médio das escolas públicas e particulares.

Será que é por obediência à lei que se devem estudar a temática afro e a temática indígena?

Não só, pois, além de obedecer à lei e contribuir, assim, para a construção da cidadania, há razões para se trabalharem a temática afro e a indígena na escola que merecem ser explicitadas, a saber:

- a) o estudo das matrizes afro e indígena é fundamental para a construção de identidades;
- b) esse trabalho atende a uma antiga reivindicação dos movimentos indígenas e dos movimentos negros: “o direito à história”;
- c) o estudo dessas temáticas contribui para a educação voltada à tolerância e ao respeito ao “outro” e, desse modo, é indispensável a toda população brasileira, seja ela indígena, afro-brasileira ou não.

Cabe lembrar também que a população indígena atual, cerca de 897 mil pessoas, segundo o Censo do IBGE-2010, vem crescendo e continua lutando em defesa de seus direitos à cidadania plena. Já os afro-brasileiros (pardos e pretos, segundo o IBGE) constituem mais da metade da população brasileira. Além disso, todos os brasileiros, independentemente da cor ou da origem, têm o direito e a necessidade de conhecer a diversidade étnico-cultural existente no território nacional. Sobre esse assunto o historiador Itamar Freitas disse:

Em síntese, nossos filhos e alunos têm o direito de saber que as pessoas são diferentes. Que o mundo é plural e a cultura é diversa. Que essa diversidade deve ser conhecida, respeitada e valorizada. E mais, que a diferença e a diversidade são benéficas para a convivência das pessoas, a manutenção da democracia, e a sobrevivência da espécie.

FREITAS, Itamar. A experiência indígena no ensino de História. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (org.). **História: ensino fundamental**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 161. (Coleção Explorando o ensino).

Do ponto de vista da alfabetização, da linguagem, há mais um fator importante: há muita influência dessas culturas, desses povos na nossa língua, na estrutura e no vocabulário – entender a história dos povos, da cultura ajuda na compreensão das palavras e, conseqüentemente, na memorização da forma ortográfica de grafia das palavras.

7.

ORIENTAÇÕES PARA O USO DA INTERNET

Se a utilidade da internet é consenso entre os educadores, os procedimentos para seu uso têm sido alvo de acalorados debates. Uma das questões que mais tem preocupado os educadores é que, se, por um lado, a internet facilita o acesso a um leque amplo de textos e imagens, por outro, pode criar o hábito de buscar o “trabalho pronto”, usando o famoso copiar/colar/imprimir; ou seja, encerrando a pesquisa naquele que deveria ser o seu primeiro passo. No que tange ao nosso campo de atuação, a questão pode ser resumida na seguinte pergunta: a internet serve ao professor de História?

Sim, certamente; para isso, sugerimos alguns procedimentos:

- a) Definir previamente os objetivos da pesquisa e solicitar aos alunos que, enquanto estiverem pesquisando, não desviem a atenção da proposta inicial, entrando em salas de bate-papo ou locais para ouvir música ou jogar.
- b) Encorajar a problematização dos materiais encontrados na rede; depois de localizar os *sites* que tratam de um mesmo assunto ou tema, estimular o alunado a questionar as fontes em que os *sites* se apoiam, identificar as ausências de informações significativas sobre o assunto, confirmar a veracidade das informações veiculadas, e, por fim, estimular o posicionamento crítico diante das informações e análises ali disponíveis.
- c) Sugerir ao alunado que relacione os *sites* encontrados a outros materiais sugeridos em aula, favorecendo a percepção de que *sites*, livros, revistas científicas e entrevistas são fontes complementares. Isso poderá facilitar a percepção de que um tema histórico pode ser melhor compreendido se recorrermos a diferentes fontes e à crítica das mesmas.
- d) Alertar o alunado para o fato de que nem tudo o que está na rede é verdade e que as *homepages* são por vezes muito pouco consistentes. Por isso, a indicação do tema deve vir acompanhada de perguntas que orientem os alunos a investigar. Sugerimos, quando possível, oferecer um conjunto de *sites* confiáveis sobre o assunto.
- e) Incentivar os alunos a trocarem informações com colegas de outras escolas do Brasil e/ou de outros países via redes sociais. Por meio delas, os alunos poderão também entrar em contato com autores, órgãos governamentais, instituições privadas, *blogs* de professores, entre outros. Esse acesso às informações/versões significativas é, com certeza, útil à educação histórica.

Assim utilizada, a internet pode ajudar os educandos a desenvolver competências e habilidades que lhes permitam apreender as várias durações temporais nas quais os diferentes atores sociais desenvolveram ou desenvolvem suas ações, condição básica para que sejam identificadas semelhanças/diferenças, mudanças/permanências e dominação/resistência existentes no processo histórico.

8. CONCEITOS-CHAVE DA ÁREA DE HISTÓRIA

Nesta obra nós trabalhamos alguns conceitos-chave na nossa disciplina como: História; tempo; cronologia; cultura, patrimônio cultural; identidade; memória; política e cidadania. A seguir, organizamos uma espécie de glossário com esses conceitos, que pode ser útil ao trabalho do professor na preparação de sua aula.

História: Marc Bloch define a História como estudo das sociedades humanas no tempo. Para ele:

O historiador nunca sai do tempo..., ele considera ora as grandes ondas de fenômenos aparentados que atravessem, longitudinalmente, a duração, ora o momento humano em que essas correntes se apertam no nó poderoso das consciências.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 135.

Seguindo a trilha aberta por Bloch, o historiador Holien Bezerra afirma que a História busca desvendar “as relações que se estabelecem entre os grupos humanos em diferentes tempos e espaços”.

BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro (org). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 42.

Tempo: conceito-chave em História – O tempo é uma construção humana, e a percepção da passagem do tempo é uma construção cultural; varia de uma cultura a outra. As principais dimensões do tempo são: duração, sucessão e simultaneidade. Isto pode ser trabalhado em aula apresentando-se as diferentes maneiras de vivenciar e apreender o tempo e de registrar a duração, sucessão e simultaneidade dos eventos – tais conteúdos tornam-se, portanto, objetos de estudos históricos. O tempo que interessa ao historiador é o tempo histórico, o tempo das transformações e das permanências; o tempo histórico não obedece a um ritmo preciso e idêntico como o do relógio e/ou dos calendários, por isso, o historiador considera diferentes temporalidades/durações: a longa, a média e a curta duração.

Cronologia: sistema de marcação e datação baseado nas regras estabelecidas pela ciência astronômica, que tenta organizar os acontecimentos numa sequência regular e contínua.

Cultura:

Entende-se por cultura todas as ações por meio das quais os povos expressam suas “formas de criar, fazer e viver” (Constituição Federal de 1988, art. 216). A cultura engloba tanto a linguagem com que as pessoas se comunicam, contam suas histórias, fazem seus poemas, quanto à forma como constroem suas casas, preparam seus alimentos, rezam, fazem festas. Enfim, suas crenças, suas visões de mundo, seus saberes e fazeres. Trata-se, portanto, de um processo dinâmico de transmissão, de geração a geração, de práticas, sentidos e valores, que se criam e recriam (ou são criados e recriados) no presente, na busca de soluções para os pequenos e grandes problemas que cada sociedade ou indivíduo enfrentam ao longo da existência.

IPHAN. **Patrimônio Cultural Imaterial**: para saber mais. Brasília, DF: Iphan, 2012. p. 7. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha_1__parasabermais_web.pdf. Acesso em: 3 ago. 2021.

Sobre esse conceito, o professor Holien Gonçalves Bezerra afirma:

[...] Cultura não é apenas o conjunto de manifestações artísticas. Envolve as formas de organização do trabalho, da casa, da família, do cotidiano das pessoas, dos ritos das religiões, das festas etc. assim, o estudo das identidades sociais, no âmbito das representações culturais, adquire significado e importância para a caracterização de grupos sociais e de povos.

BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro. **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2007. p. 46.

Patrimônio Cultural:

Constituem patrimônio histórico brasileiro os bens de natureza material e imaterial [...] nos quais se incluem: I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, ecológico e científico.

ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998. p. 134. (Repensando o Ensino).

Identidade: pode ser definida como a construção do “eu” e do “outro” e a construção do “eu” e do “nós”, que tem lugar nos diferentes contextos da vida humana e nos diferentes espaços de convívio social. Essa construção baseia-se no reconhecimento de semelhanças/diferenças e de mudanças/permanências. Sobre o assunto disse uma ensaísta:

Um dos objetivos centrais do ensino de História, na atualidade, relaciona-se à sua contribuição na constituição de identidades. A identidade nacional, nessa perspectiva, é uma das identidades a serem constituídas pela História

escolar, mas, por outro lado, enfrenta ainda o desafio de ser entendida em suas relações com o local e o mundial.

A constituição de identidades associa-se à formação da cidadania, problema essencial na atualidade, ao se levar em conta as finalidades educacionais mais amplas e o papel da escola em particular.

BITTENCOURT Circe, **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2012. p. 121.

A construção de identidades está relacionada também à memória.

Memória: Segundo Pedro Paulo Funari: “A memória [...] é uma recriação constante no presente, do passado enquanto representação, enquanto imagem impressa na mente”.¹⁰ Memória pode ser definida então como o modo pelo qual os seres humanos se lembram ou se esquecem do passado; já a História pode ser vista como a crítica da memória. Em sociedades complexas, como a que vivemos, a memória coletiva cede lugar aos lugares de memória como museus, bibliotecas, espaços culturais, galerias, arquivos ou a uma “grande” história, a história da nação. A memória nos remete à questão do tempo.

Cidadania: o conceito de cidadania – chave na nossa proposta de ensino de História – tem como base as reflexões dos historiadores Carla Bassanezi Pinsky e Jaime Pinsky:

Afinal, o que é ser cidadão?

Ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei: é, em resumo, ter direitos civis. É também participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participação do indivíduo na riqueza coletiva: o direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, a uma velhice tranquila. Exercer a cidadania plena é ter direitos civis, políticos e sociais. Este livro trata do processo histórico que levou a sociedade ocidental a conquistar esses direitos, assim como dos passos que faltam para integrar os que ainda não são cidadãos plenos.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 9.

A compreensão da cidadania numa perspectiva histórica de lutas, confrontos e negociações, e constituída por intermédio de conquistas sociais de direitos, pode servir como referência para a organização dos conteúdos da disciplina histórica. Vale lembrar ainda que os conceitos possuem uma história, e que esta variou no tempo e no espaço. Cientes disso, evitamos visões anacrônicas, a-históricas ou carregadas de subjetividade.

¹⁰ FUNARI, Pedro Paulo. **Antiguidade clássica**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013. p. 16.

Memória:

[...] a memória na concepção de [Meurice] Halbwachs é um processo de reconstrução, devendo ser analisada levando-se em consideração dois aspectos: o primeiro refere-se ao fato de que não se trata de uma repetição linear dos acontecimentos e vivências no contexto de interesses atuais; por outro lado, se diferencia dos acontecimentos e vivências que podem ser evocados e localizados em um determinado tempo e espaço envoltos num conjunto de relações sociais.

Para este, a lembrança necessita de uma comunidade afetiva, cuja construção se dá mediante o convívio social que os indivíduos estabelecem com outras pessoas ou grupos sociais, a lembrança individual é então baseada nas lembranças dos grupos nos quais esses indivíduos estiveram inseridos. Desse modo, a constituição da memória de um indivíduo resulta da combinação das memórias dos diferentes grupos dos quais está inserido e consequentemente é influenciado por eles, como por exemplo, a família, a escola, igreja, grupo de amigos ou no ambiente de trabalho. Nessa ótica, o indivíduo participa de dois tipos de memória, a individual e a coletiva.

Segundo Halbwachs o indivíduo que lembra está inserido na sociedade na qual sempre possui um ou mais grupo de referência, a memória é então sempre construída em grupo. [...]

[...] Halbwachs identifica que ao lado da memória coletiva, há também a chamada memória individual. Esta por sua vez, pode ser entendida como um ponto de vista sobre a memória coletiva, ponto de vista este, que pode sofrer alterações de acordo com o lugar que ocupamos em determinado grupo, assim como também está condicionado às relações que mantemos com outros ambientes. A assimilação das lembranças pode variar de membro para membro, visto que a quantidade de lembranças que são transportadas pela memória coletiva com maior ou menor intensidade, é realizada a partir do ponto de vista de cada sujeito.

A memória individual não está de todo isolada, ao passo que toma como referência sinais externos ao sujeito, isto é, a memória coletiva. [...] Para tanto, é importante assinalar que as lembranças que se destacam em primeiro plano da memória de um grupo social, são aquelas que foram vivenciadas por uma maior quantidade de integrantes desse grupo. Existe então, uma estreita relação entre memória coletiva e memória individual. Para Halbwachs:

para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2013, p. 39).

[...]

SILVA, Giuslane Francisca da; HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013. **Aedos**, Porto Alegre, v. 8, n. 18, ago. 2016, p. 249-250. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/59252>. Acesso em: 3 ago. 2021.

SEÇÃO INTRODUTÓRIA

9. QUADRO DE CONTEÚDOS DA COLEÇÃO

Para facilitar seu trabalho de planejamento e contemplar a proposta pedagógica da coleção, apresentamos enfim o quadro de conteúdos dos cinco volumes da coleção.

Considerando os pressupostos teórico-metodológicos expostos anteriormente, cada livro apresenta-se estruturado em quatro unidades temáticas.

	Unidade	Capítulo
1º ANO	1. Ser criança	1. Vamos nos apresentar!
		2. Criança, tempo e história
	2. Criança, família e comunidade	1. Viver em família
		2. Regras de convivência
	3. Brinquedos e brincadeiras	1. Brinquedos e brincadeiras
		2. Outros povos, outros modos de brincar
	4. A vida na família e na escola	1. As famílias são diferentes
		2. As escolas são diferentes
		3. Datas comemorativas

	Unidade	Capítulo
2º ANO	1. Meu lugar, minha comunidade	1. Eu e o outro, nós e os outros
		2. Rua
	2. O tempo	1. Contando o tempo
		2. Antes, durante e depois
		3. Relógio e calendário
	3. Registros históricos	1. Os objetos contam uma história
		2. Documentos pessoais
	4. Trabalho e meio ambiente	1. Trabalho e comunidade
		2. Trabalho e ambiente

	Unidade	Capítulo
3º ANO	1. Histórias de cidades brasileiras	1. Municípios brasileiros
		2. Cidades: histórias e culturas
	2. Patrimônio e memória	1. Patrimônios do Brasil
		2. Lugares de memória
3. Comunidades, espaço e poder	1. Comunidades	
	2. Espaço e poder	
4. Campo e cidade, trabalho e lazer	1. Mundo do trabalho	
	2. Trabalho	
	3. Trabalho e lazer no tempo	

	Unidade	Capítulo
4º ANO	1. Mudanças e permanências	1. Quem faz a história
		2. Tempo e primeiros tempos
	2. Circulação e comunicação na história	1. Da África para o mundo
		2. Cidades do presente e do passado
3. Meios de comunicação: passado e presente		
3. Formação do povo brasileiro	1. Povos indígenas no Brasil	
	2. Portugueses onde hoje é o Brasil	
	3. Africanos antes e depois dos Europeus	
4. Abolição e imigração	1. Abolição	
	2. Da Europa para a América	
	3. Imigrantes: trabalho, resistência e cultura	

	Unidade	Capítulo
5º ANO	1. Cultura, tempo e calendário	1. O “tempo do relógio” e outros tempos
		2. Os primeiros povoadores da Terra
		3. Povos antigos: religião e cultura
	2. Cidadania: passado e presente	1. O respeito à diversidade e à pluralidade
2. Cidadania: conquistas dos povos		
3. Cidadania: conquistas do povo brasileiro		
3. Linguagens e debates	1. O uso de diferentes linguagens na comunicação	
	2. Debates do nosso tempo	
4. Patrimônio e marcos de memória	1. Patrimônios da humanidade	
	2. Marcos de memória	

10. AVALIAÇÃO

Sabe-se que o processo de construção do conhecimento é dinâmico e não linear, assim, avaliar a aprendizagem implica avaliar também o ensino oferecido. É importante que toda a avaliação esteja relacionada aos objetivos propostos e, para atingi-los, é indispensável que os estudantes aprendam mais e melhor. Assim, os resultados de uma avaliação devem servir para reorientar a prática educacional e nunca como um meio de estigmatizar os estudantes.

Para pensar a avaliação, cuja importância é decisiva no processo de ensino-aprendizagem, lançamos mão das reflexões de César Coll¹¹ e dos PCNs. Para César Coll, a avaliação pode ser definida como uma série de atuações que devem cumprir duas funções básicas:

- diagnosticar: ou seja, identificar o tipo de ajuda pedagógica que será oferecida aos estudantes e ajustá-la progressivamente às características e às necessidades deles;
- controlar: ou seja, verificar se os objetivos foram ou não alcançados (ou até que ponto o foram).

Para diagnosticar e controlar o processo educativo, César Coll recomenda o uso de três tipos de avaliação:

	Avaliação diagnóstica	Avaliação formativa	Avaliação somativa
O que avaliar?	Os esquemas de conhecimento relevantes para o novo material ou situação de aprendizagem.	Os progressos, dificuldades, bloqueios etc. que marcam o processo de aprendizagem.	Os tipos e graus de aprendizagem que estipulam os objetivos (finais, de nível ou didáticos) a propósito dos conteúdos selecionados.
Quando avaliar?	No início de uma nova fase de aprendizagem.	Durante o processo de aprendizagem.	Ao final de uma etapa de aprendizagem.
Como avaliar?	Consulta e interpretação do histórico escolar do estudante. Registro e interpretação das respostas e comportamentos dos estudantes ante perguntas e situações relativas ao novo material de aprendizagem.	Observação sistemática e pautada do processo de aprendizagem. Registro das observações em planilhas de acompanhamento. Interpretação das observações.	Observação, registro e interpretação das respostas e comportamentos dos estudantes a perguntas e situações que exigem a utilização dos conteúdos aprendidos.

COLL, César. **Psicologia e currículo**. São Paulo: Ática, 1999. p. 151.

¹¹ COLL, César. **Psicologia e currículo**. São Paulo: Ática, 1999.

A **avaliação diagnóstica** busca verificar os conhecimentos prévios dos estudantes e possibilita a eles a tomada de consciência de suas limitações (imprecisões e contradições dos seus esquemas de conhecimento) e da necessidade de superá-las. A seção **O que sabemos?** busca oferecer subsídios para este tipo de avaliação no início do ano letivo.

A **avaliação formativa** visa avaliar o processo de aprendizagem. A avaliação formativa pode ser feita por meio da observação sistemática do estudante, com a ajuda de planilhas de acompanhamento (ficha ou instrumento equivalente em que se registram informações úteis ao acompanhamento do processo). Cada professor deve adequar a planilha de acompanhamento às suas necessidades. A seção **Retomando** busca oferecer subsídios para este tipo de avaliação ao fim das unidades. Ao longo deste Manual, as sugestões da seção **+Atividades** também podem servir ao propósito da avaliação formativa.

A **avaliação somativa** procura medir os resultados da aprendizagem dos estudantes confrontando-os com os objetivos que estão na origem da intervenção pedagógica, a fim de verificar se estes foram ou não alcançados ou até que ponto o foram. Ao final do livro, há a seção **O que aprendemos**, na qual você encontrará atividades que contribuem para esta avaliação.

Note-se que os três tipos de avaliação estão interligados e são complementares, podendo se desdobrar em processos com diferentes propostas. Nesta obra, há atividades variadas e cada uma delas pode servir a um desses propósitos avaliativos. Por meio deles o professor colhe elementos para planejar; o estudante toma consciência de suas conquistas, dificuldades e possibilidades; a escola identifica os aspectos das ações educacionais que necessitam de maior apoio.

A avaliação, portanto, deve visar ao processo educativo como um todo e não ao êxito ou fracasso dos estudantes.

► 10.1. ORIENTAÇÕES PARA A AVALIAÇÃO

Recomendamos que se empreguem na avaliação:

- a) **observação sistemática**: visa trabalhar as atitudes dos estudantes. Para isso, pode-se utilizar o diário de classe ou instrumento semelhante para fazer anotações. Exemplo: você pediu que os estudantes trouxessem material sobre a questão do meio ambiente, e um estudante, cujo rendimento na prova escrita não havia sido satisfatório, teve grande participação na execução desta tarefa; isto deverá ser levado em consideração na avaliação daquele bimestre. A observação sistemática será fundamental, por exemplo, nas atividades distribuídas ao longo dos capítulos, nas seções **Você cidadão!** e **Escutar e falar**, por exigirem dos estudantes espírito associativo e realização de produções variadas.
- b) **análise das produções dos estudantes**: busca estimular a competência do estudante na produção, leitura e interpretação de textos e imagens. Sugerimos levar em conta toda a produção, e não apenas o resultado de uma prova, e avaliar o desempenho em todos os trabalhos (pesquisa, relatório, história em qua-

drinhos, releitura de obras clássicas, prova etc.). Note-se que, para o estudante escrever ou desenhar bem, é necessário que ele desenvolva o hábito.

- c) atividades específicas:** visam estimular, sobretudo, a objetividade do estudante ao responder a um questionário ou expor um tema. Exemplo de pergunta: Pode-se dizer que no dia 22 de abril de 1500 o Brasil foi descoberto? Resposta: Não, pois as terras que hoje formam o Brasil eram habitadas por milhões de indígenas quando a esquadra de Cabral aqui chegou. Complemento da resposta: 22 de abril foi o dia em que Cabral tomou posse das terras que viriam a formar o Brasil para o rei de Portugal.
- d) autoavaliação:** visa ajudar o estudante a ganhar autonomia e a desenvolver a autocrítica. O estudante avalia suas produções e a recepção de seu trabalho entre os outros estudantes, bem como a comunicação de seus argumentos e resultados de trabalho.

10.1.1. MODELO DE OBSERVAÇÃO E AVALIAÇÃO DOS ALUNOS

Seguem abaixo alguns parâmetros que contribuem para o processo de avaliação (individual e autoavaliação).

1. Participação do(a) aluno(a):

- Na elaboração e na execução das atividades.
- No desenrolar do processo.
- Na criação e na confecção de produtos e materiais para a aula.
- Nas apresentações.
- Nas atividades que mais exigem cooperação e solidariedade.

2. Desempenho do(a) aluno(a):

- Quanto à aquisição de conteúdos conceituais e procedimentais.
- Quanto à atitude.
- Nas diferentes avaliações.
- Quanto à capacidade de argumentação, oral e escrita.
- Quanto à resolução de problemas.

3. Autoavaliação

A autoavaliação é um aprendizado fundamental para a construção da autonomia do(a) aluno(a); além disso, democratiza o processo, pois envolve diferentes pontos de vista. Sugestões de perguntas para a autoavaliação:

- Você considerou interessante a atividade ou o trabalho realizados?
- Tinha conhecimentos anteriores que o(a) auxiliaram na realização?
- Foi fácil ou difícil? Se foi difícil, saberia dizer por quê?
- Como você avalia sua participação no grupo? (Realizou tarefas que contribuiriam para o trabalho? Sugeriu formas de organizar o trabalho? Colaborou com seus colegas na realização de tarefas?).
- Você considera que a maneira como o tema foi abordado ajudou na sua compreensão dos conteúdos e propostas de atividades?

► 10.2. FICHAS PARA MONITORAMENTO DE APRENDIZAGEM

FICHA DE ACOMPANHAMENTO INDIVIDUAL

UNIDADE 1 • MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS

Nome do estudante: _____

Escola: _____

Turma: _____ Nº do estudante: _____

Professor(a): _____

PC = Plenamente construído

EC = Em construção

NE = Precisa de mais estímulos

Objetivos pedagógicos	Avaliação	Observações
• Reconhece que a história é feita pelos seres humanos?	PC	
	EC	
	NE	
• Compreende os conceitos de mudanças e permanências?	PC	
	EC	
	NE	
• Desenvolve a noção de linha do tempo?	PC	
	EC	
	NE	
• Compreende o significado dos grandes marcos históricos (nomadismo, desenvolvimento da agricultura e do pastoreio e da indústria)?	PC	
	EC	
	NE	
• Compreende o conceito de calendário?	PC	
	EC	
	NE	
• Entende o uso de algarismos romanos na escrita dos séculos?	PC	
	EC	
	NE	
• Compreende como era o modo de vida dos coletores e caçadores?	PC	
	EC	
	NE	
• Consegue diferenciar nomadismo de sedentarismo?	PC	
	EC	
	NE	
• Reconhece a importância do desenvolvimento da metalurgia para os seres humanos?	PC	
	EC	
	NE	

Professor(a): _____

Escola: _____

Turma: _____

Observações gerais sobre o desempenho do grupo:

PC = Plenamente construído

EC = Em construção

NE = Precisa de mais estímulos

Objetivos pedagógicos	Avaliação	Estratégias para remediação
• Reconhece que a história é feita pelos seres humanos?	PC	
	EC	
	NE	
• Compreende os conceitos de mudanças e permanências?	PC	
	EC	
	NE	
• Desenvolve a noção de linha do tempo?	PC	
	EC	
	NE	
• Compreende o significado dos grandes marcos históricos (nomadismo, desenvolvimento da agricultura e do pastoreio e da indústria)?	PC	
	EC	
	NE	
• Compreende o conceito de calendário?	PC	
	EC	
	NE	
• Entende o uso de algarismos romanos na escrita dos séculos?	PC	
	EC	
	NE	
• Compreende como era o modo de vida dos coletores e caçadores?	PC	
	EC	
	NE	
• Consegue diferenciar nomadismo de sedentarismo?	PC	
	EC	
	NE	
• Reconhece a importância do desenvolvimento da metalurgia para os seres humanos?	PC	
	EC	
	NE	

Nome do estudante: _____

Escola: _____

Turma: _____ Nº do estudante: _____

Professor(a): _____

PC = Plenamente construído

EC = Em construção

NE = Precisa de mais estímulos

Objetivos pedagógicos	Avaliação	Observações
• Entende o conceito de fóssil?	PC	
	EC	
	NE	
• Conhece as duas hipóteses do povoamento da América?	PC	
	EC	
	NE	
• Entende o conceito de sítio arqueológico?	PC	
	EC	
	NE	
• Identifica características dos animais gigantes pré-históricos?	PC	
	EC	
	NE	
• Entende o conceito de sambaquis?	PC	
	EC	
	NE	
• Reconhece a importância das pinturas rupestres?	PC	
	EC	
	NE	
• Percebe as mudanças e permanências na história da cidade?	PC	
	EC	
	NE	
• Reflete sobre a cidade no tempo, partindo do presente?	PC	
	EC	
	NE	
• Reconhece as mudanças ocorridas nos processos de deslocamento de pessoas e produtos, analisando as formas de adaptação ou marginalização?	PC	
	EC	
	NE	
• Identifica rotas terrestres, fluviais e marítimas e sua relação com a formação de cidades?	PC	
	EC	
	NE	
• Relaciona as rotas terrestres, fluviais e marítimas à vida comercial dos povos?	PC	
	EC	
	NE	
• Percebe as relações entre tecnologia e inclusão e exclusão social e cultural?	PC	
	EC	
	NE	

Professor(a): _____

Escola: _____

Turma: _____

Observações gerais sobre o desempenho do grupo:

PC = Plenamente construído

EC = Em construção

NE = Precisa de mais estímulos

Objetivos pedagógicos	Avaliação	Estratégias para remediação
• Entende o conceito de fóssil?	PC	
	EC	
	NE	
• Conhece as duas hipóteses do povoamento da América?	PC	
	EC	
	NE	
• Entende o conceito de sítio arqueológico?	PC	
	EC	
	NE	
• Identifica características dos animais gigantes pré-históricos?	PC	
	EC	
	NE	
• Entende o conceito de sambaquis?	PC	
	EC	
	NE	
• Reconhece a importância das pinturas rupestres?	PC	
	EC	
	NE	
• Percebe as mudanças e permanências na história da cidade?	PC	
	EC	
	NE	
• Reflete sobre a cidade no tempo, partindo do presente?	PC	
	EC	
	NE	
• Reconhece as mudanças ocorridas nos processos de deslocamento de pessoas e produtos, analisando as formas de adaptação ou marginalização?	PC	
	EC	
	NE	
• Identifica rotas terrestres, fluviais e marítimas e sua relação com a formação de cidades?	PC	
	EC	
	NE	
• Relaciona as rotas terrestres, fluviais e marítimas à vida comercial dos povos?	PC	
	EC	
	NE	
• Percebe as relações entre tecnologia e inclusão e exclusão social e cultural?	PC	
	EC	
	NE	

Nome do estudante: _____

Escola: _____

Turma: _____ Nº do estudante: _____

Professor(a): _____

PC = Plenamente construído

EC = Em construção

NE = Precisa de mais estímulos

Objetivos pedagógicos	Avaliação	Observações
• Percebe as diferenças culturais entre o modo de vida indígena e europeu?	PC	
	EC	
	NE	
• Conhece alguns aspectos da cultura indígena?	PC	
	EC	
	NE	
• Compreende o modo de vida dos povos indígenas do século XVI?	PC	
	EC	
	NE	
• Entende como era o convívio entre indígenas e europeus no século XVI?	PC	
	EC	
	NE	
• Reconhece o tupi como um tronco linguístico?	PC	
	EC	
	NE	
• Compreende as razões das Grandes Navegações?	PC	
	EC	
	NE	
• Entende o processo de colonização do Brasil?	PC	
	EC	
	NE	
• Reconhece a influência dos povos e culturas africanas no Brasil?	PC	
	EC	
	NE	
• Entende como se deu o tráfico Atlântico e a resistência africana em terras brasileiras?	PC	
	EC	
	NE	

Professor(a): _____

Escola: _____

Turma: _____

Observações gerais sobre o desempenho do grupo:

PC = Plenamente construído

EC = Em construção

NE = Precisa de mais estímulos

Objetivos pedagógicos	Avaliação	Estratégias para remediação
• Percebe as diferenças culturais entre o modo de vida indígena e europeu?	PC	
	EC	
	NE	
• Conhece alguns aspectos da cultura indígena?	PC	
	EC	
	NE	
• Compreende o modo de vida dos povos indígenas do século XVI?	PC	
	EC	
	NE	
• Entende como era o convívio entre indígenas e europeus no século XVI?	PC	
	EC	
	NE	
• Reconhece o tupi como um tronco linguístico?	PC	
	EC	
	NE	
• Compreende as razões das Grandes Navegações?	PC	
	EC	
	NE	
• Entende o processo de colonização do Brasil?	PC	
	EC	
	NE	
• Reconhece a influência dos povos e culturas africanas no Brasil?	PC	
	EC	
	NE	
• Entende como se deu o tráfico Atlântico e a resistência africana em terras brasileiras?	PC	
	EC	
	NE	

Nome do estudante: _____

Escola: _____

Turma: _____ Nº do estudante: _____

Professor(a): _____

PC = Plenamente construído

EC = Em construção

NE = Precisa de mais estímulos

Objetivos pedagógicos	Avaliação	Observações
• Compreende o processo de Abolição e os fatores que contribuíram para esse processo?	PC	
	EC	
	NE	
• Reconhece os líderes dos movimentos abolicionistas?	PC	
	EC	
	NE	
• Identifica aspectos do período pós-abolição?	PC	
	EC	
	NE	
• Compreende as motivações dos movimentos migratórios entre os séculos XIX e XX?	PC	
	EC	
	NE	
• Reflete sobre a migração interna no Brasil?	PC	
	EC	
	NE	
• Reconhece a importância das culturas dos imigrantes na formação da sociedade brasileira?	PC	
	EC	
	NE	
• Compara as migrações do passado às recentes?	PC	
	EC	
	NE	

Professor(a): _____

Escola: _____

Turma: _____

Observações gerais sobre o desempenho do grupo:

PC = Plenamente construído

EC = Em construção

NE = Precisa de mais estímulos

Objetivos pedagógicos	Avaliação	Estratégias para remediação
• Compreende o processo de Abolição e os fatores que contribuíram para esse processo?	PC	
	EC	
	NE	
• Reconhece os líderes dos movimentos abolicionistas?	PC	
	EC	
	NE	
• Identifica aspectos do período pós-abolição?	PC	
	EC	
	NE	
• Compreende as motivações dos movimentos migratórios entre os séculos XIX e XX?	PC	
	EC	
	NE	
• Reflete sobre a migração interna no Brasil?	PC	
	EC	
	NE	
• Reconhece a importância das culturas dos imigrantes na formação da sociedade brasileira?	PC	
	EC	
	NE	
• Compara as migrações do passado às recentes?	PC	
	EC	
	NE	

11. MATRIZ ARTICULADORA DESTE VOLUME

▶ 11.1. CONCEITOS, BNCC E COMPONENTES ESSENCIAIS PARA ALFABETIZAÇÃO

Unidades	Conceitos	Objetos de conhecimento
1	<ul style="list-style-type: none"> • História • Sujeito histórico • Mudanças e permanências • Linha do tempo • Calendário • Processo histórico • Caçadores e coletores • Domínio do fogo • Agricultores e pastores • Nomadismo • Sedentarismo 	<ul style="list-style-type: none"> • A ação do ser humano no tempo e no espaço. • As mudanças e as permanências. • As relações entre indivíduos e natureza.
2	<ul style="list-style-type: none"> • Fóssil • Sítio arqueológico • Megafauna • Extinção de espécies • Caçadores e coletores • Sambaqui • Agricultores • Cidade • Passado/presente • Cidades-Estado • Império • Comércio interno/externo • Meios de comunicação • Tipos móveis • Imprensa: rádio, televisão, internet, celular 	<ul style="list-style-type: none"> • Teorias de povoamento da América. • Descobertas sobre a presença humana na América. • Pesquisas arqueológicas no Brasil. • Povo de Lagoa Santa e povos dos sambaquis. • Agricultura na Amazônia. • Cidades de hoje. • Cidades do passado. • Comércio dos povos antigos: Mesopotâmia, Egito e Fenícia. • Meios de comunicação no passado e no presente. • Chegada da imprensa no Brasil.
3	<ul style="list-style-type: none"> • Diferenças e semelhanças • Cultura • Tronco linguístico • Herança indígena • Divisão sexual do trabalho • Governo • Escambo • Grandes Navegações • Especiarias • Feitoria • África • Metalurgia • Reino • Tráfico Atlântico • Resistência • Quilombo • Racismo 	<ul style="list-style-type: none"> • A ação das pessoas, grupos sociais e comunidades no tempo e no espaço: nomadismo, agricultura, escrita, navegações, indústria, entre outras. • A circulação de pessoas e as transformações no meio natural. • A invenção do comércio e a circulação de produtos. • As rotas terrestres, fluviais e marítimas e seus impactos para a formação de cidades e as transformações do meio natural. • O surgimento da espécie humana no continente africano e sua expansão pelo mundo. • Os processos migratórios para a formação do Brasil: os grupos indígenas, a presença portuguesa e a diáspora forçada dos africanos.
4	<ul style="list-style-type: none"> • Abolição • Processo histórico • Escravizado • Movimento abolicionista • Imigrantes • Propaganda • Colonato • Monarquia • República • Operários • Sindicato • Greve • Direitos trabalhistas • Migração • Êxodo rural • Emigrante/imigrante • Refugiado 	<ul style="list-style-type: none"> • Os processos migratórios para a formação do Brasil: os grupos indígenas, a presença portuguesa e a diáspora forçada dos africanos. • Os processos migratórios do final do século XIX e início do século XX no Brasil. • As dinâmicas internas de migração no Brasil a partir dos anos 1960.

	Habilidades	Competências	Componentes essenciais para a alfabetização
	EF04HI01 EF04HI02 EF04HI04	1, 2 (específicas) 1 (geral)	<ul style="list-style-type: none"> • Consciência fonológica e fonêmica • Conhecimento alfabético • Fluência em leitura oral • Desenvolvimento de vocabulário • Compreensão de textos • Produção de escrita
	EF04HI03 EF04HI04 EF04HI06 EF04HI08 EF04HI09	2, 3, 5 (específicas) 9 e 10 (gerais)	<ul style="list-style-type: none"> • Consciência fonológica e fonêmica • Conhecimento alfabético • Fluência em leitura oral • Desenvolvimento de vocabulário • Compreensão de textos • Produção de escrita
	EF04HI01 EF04HI05 EF04HI06 EF04HI07 EF04HI09 EF04HI10	5 (específica) 1 (geral)	<ul style="list-style-type: none"> • Fluência em leitura oral. • Desenvolvimento de vocabulário. • Compreensão de textos. • Produção de escrita.
	EF04HI09 EF04HI10 EF04HI11	1, 5 (específicas) 1 (geral)	<ul style="list-style-type: none"> • Fluência em leitura oral • Desenvolvimento de vocabulário • Compreensão de textos • Produção de escrita

► 11.2. SUBSÍDIOS PARA PLANEJAMENTO BIMESTRAL

UNIDADE 1 • MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS

OBJETIVOS	CONTEÚDOS	PÁGINAS	SEMANAS
<ul style="list-style-type: none"> • Trabalhar a ideia de que a história é feita pelos seres humanos. • Refletir sobre o bloco conceitual mudanças e permanências. • Apresentar a noção de linha do tempo. • Discutir o significado dos grandes marcos históricos (nomadismo, desenvolvimento da agricultura e do pastoreio e da indústria). • Retomar e aprofundar o conceito de calendário. • Trabalhar o uso de algarismos romanos na escrita dos séculos. • Caracterizar o modo de vida dos coletores e caçadores. • Diferenciar nomadismo de sedentarismo. • Destacar a importância do desenvolvimento da metalurgia para os seres humanos. 	Avaliação diagnóstica: O que sabemos?	6 e 7	1
	Mudanças e permanências	8 e 9	1
	Quem faz a história?	10 a 12	2
	A tradicional cozinha mineira	12 e 13	3
	Tempo e primeiros tempos	16	4
	Nosso calendário	16	4
	Algarismos romanos	16 e 17	4
	Antes e depois de Cristo	18	5
	Linha do tempo	18 e 19	5
	A vida nos primeiros tempos	20 e 21	6
	O domínio do fogo	22 e 23	7
	Agricultores e pastores	24 a 31	8 e 9
Avaliação formativa: Retomando	32 e 33	10	

UNIDADE 2 • CIRCULAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA HISTÓRIA

OBJETIVOS	CONTEÚDOS	PÁGINAS	SEMANAS
<ul style="list-style-type: none"> • Estimular a reflexão dos alunos acerca das duas hipóteses do povoamento da América. • Conceituar sítio arqueológico. • Trabalhar o conceito de fóssil. • Caracterizar os animais gigantes pré-históricos. • Trabalhar o conceito de sambaquis. • Explicitar a importância das pinturas rupestres. • Evidenciar as mudanças e permanências na história da cidade. • Estudar a cidade no tempo, partindo do presente. • Conhecer as mudanças ocorridas nos processos de deslocamento de pessoas e produtos, analisando as formas de adaptação ou marginalização. • Identificar rotas terrestres, fluviais e marítimas e sua relação com a formação de cidades. • Relacionar as rotas terrestres, fluviais e marítimas à vida comercial dos povos. • Analisar as relações entre tecnologia e inclusão e exclusão social e cultural. 	Circulação e comunicação na História	34 e 35	11
	Da África para o mundo	36	11
	O povoamento da América	37 e 38	12
	Descobertas sobre a presença humana na América	39 a 41	12
	Povoadores das terras onde hoje é o Brasil	42 a 45	13
	Agricultores da Amazônia	46	14
	Cidades do presente e do passado	47	14
	A cidade de hoje	47 a 49	14
	Cidades do passado	50 e 51	15
	A cidade mesopotâmica	52 a 59	15 e 16
	Meios de comunicação: passado e presente	60	17
	A imprensa chega ao Brasil	61	17
	O telefone	62 e 63	17
	O rádio	64 e 65	18
	A televisão	66	18
	O celular	67	18
A internet	68 e 69	19	
Avaliação formativa: Retomando	70 e 71	20	

UNIDADE 3 • FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO

OBJETIVOS	CONTEÚDOS	PÁGINAS	SEMANAS
<ul style="list-style-type: none"> • Estimular a percepção das diferenças culturais entre o modo de vida indígena e europeu. • Demonstrar alguns aspectos da cultura indígena. • Salientar o modo de vida dos povos indígenas do século XVI. • Detalhar o convívio entre indígenas e europeus no século XVI. • Caracterizar o tupi como um tronco linguístico. • Evidenciar as razões das Grandes Navegações. • Explicar o processo de colonização do Brasil. • Ressaltar a influência dos povos e culturas africanas no Brasil. • Esclarecer como se deu o tráfico Atlântico e a resistência africana em terras brasileiras. 	Formação do povo brasileiro	72 e 73	21
	Povos indígenas no Brasil	74	21
	Diferenças entre os indígenas	74	21
	A pintura corporal	74	21
	O formato das aldeias indígenas	75	21
	A língua de cada povo	76	22
	Palavras indígenas usadas pelos brasileiros no dia a dia	77	22
	Semelhanças entre os indígenas	78 e 79	22
	Portugueses onde hoje é o Brasil	80	23
	As grandes navegações	80	23
	Motivos das navegações portuguesas	81 a 83	23
	A concorrência espanhola	84	23
	Cabral chega aonde hoje é o Brasil	85	23
	Consequências das grandes navegações	86 a 89	24
	Os africanos antes e depois dos europeus	90	24
	Os bantos	91	25
	Reino do Congo	91 a 93	25
	Os iorubás	94 a 96	26
	Africanos no Brasil	97 a 100	27
Resistência, adaptação e marginalização	101 a 104	28	
Comunidades quilombolas no Rio Grande do Sul	105 a 107	29	
Avaliação formativa: Retomando	108 e 109	30	

UNIDADE 4 • ABOLIÇÃO E IMIGRAÇÃO

OBJETIVOS	CONTEÚDOS	PÁGINAS	SEMANAS
<ul style="list-style-type: none">• Apresentar o processo de Abolição e os fatores que contribuíram para esse processo.• Conhecer os líderes dos movimentos abolicionistas.• Comentar aspectos do período pós-abolição.• Debater sobre as motivações dos movimentos migratórios entre os séculos XIX e XX.• Refletir sobre a migração interna no Brasil.• Revelar a importância das culturas dos imigrantes na formação da sociedade brasileira.• Comparar as migrações do passado às recentes.	Abolição e imigração	110 e 111	31
	Abolição	112	31
	Os motivos	112	31
	Lei Eusébio de Queirós	113 a 119	32 e 33
	Da Europa para a América	120	33
	Por que os europeus vieram?	120 e 121	33
	Imigrantes no Sul	122 a 127	34
	Imigrantes: trabalho, resistência e cultura	128 e 129	34 e 35
	Operários e indústrias na Primeira República	130	35
	Alimentação, religião e futebol	131 a 133	36
	Migrações internas	134 e 135	37
	Migrações mais recentes	136 e 137	38
	Formação da sociedade brasileira	138 e 139	39
O que aprendemos	140 a 143	40	

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

A **AVALIAÇÃO** deve orientar a aprendizagem. **Nova Escola**, 2009. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/356/a-avaliacao-deve-orientar-a-aprendizagem>. Acesso em: 4 ago. 2021.

Esse artigo de rápida leitura possibilita a reflexão sobre a prática da avaliação escolar. Por meio de depoimentos de especialistas no tema, como Cipriano Luckesi, Léa Depresbiteris e Mere Abramowicz o artigo oferece críticas a modelos arcaicos de avaliação e indicações de práticas avaliativas que preconizam o protagonismo dos estudantes e privilegiam o processo pedagógico em detrimento da mera classificação.

BITTENCOURT, Circe. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2012.

A historiadora, pesquisadora do ensino de História e docente da disciplina no Ensino Básico e Superior, elabora reflexões sobre métodos e conteúdos da História escolar. O livro se divide em três seções, dedicadas a pensar a história da constituição dessa disciplina escolar, métodos e materiais didáticos.

BITTENCOURT, Circe (org.). O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2008.

Dividido em duas partes, o livro organizado por Circe Bittencourt reúne artigos de pesquisadores e pesquisadoras do ensino de História. Nesses textos são desenvolvidas reflexões sobre o currículo escolar dessa disciplina e a respeito do emprego de diferentes linguagens como recursos didáticos.

BLOCH, Marc. Apologia da História ou O ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

O renomado historiador da escola dos *Annales* sistematiza sobre o fazer histórico, abordando questões que tocam na epistemologia da História, nos limites disciplinares dessa ciência e em diálogos com outras disciplinas das ciências humanas. Marc Bloch delinea, desse modo, uma concepção ampla e profunda sobre a natureza da História enquanto ciência.

BRASIL. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências (Lei nº 13.005). Brasília, DF, 2014.

Lei que estabelece diretrizes e metas do Plano Nacional de Educação.

BRASIL. Casa Civil. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui caocompilado.htm. Acesso em: 30 jul. 2021.

Texto compilado da **Constituição da República Federativa do Brasil** aprovada pela Assembleia Nacional Constituinte em 22 de setembro de 1988 e promulgada em 5 de outubro de 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa – Avaliação no ciclo de alfabetização: reflexões e sugestões. Brasília, DF: SEB, 2012.

Documento com reflexões e sugestões em relação ao processo de alfabetização.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: educação é a base. Brasília, DF: SEB, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versoafinal_site.pdf. Acesso em: 7 ago. 2021.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é o documento que orienta a composição curricular do Ensino Básico no Brasil. Estruturadas por meio de competências e habilidades, a BNCC apresenta as aprendizagens essenciais previstas para a educação escolar nacional básica, contemplando tanto o ensino de modo geral quanto as suas etapas específicas.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96). Brasília, DF, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 30 jul. 2021.

Texto da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. Ministério da Educação. PNA: Política Nacional de Alfabetização. Brasília, DF: Sealf, 2019. Disponível em: http://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/caderno_final_pna.pdf. Acesso em: 7 ago. 2021.

Documento que estabelece os princípios da Política Nacional de Alfabetização no Brasil.

BRASIL. Ministério da Educação. Saberes e práticas da inclusão: avaliação para identificação das necessidades educacionais especiais. Brasília, DF: MEC; Secretaria de Educação Especial, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/avaliacao.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2021.

Documento elaborado pelo Ministério da Educação visa oferecer orientações para que os profissionais da educação incorporem práticas de avaliação que considerem as especificidades de cada estudante e sejam parte integrante do processo pedagógico.

CAMPOS, Helena Guimarães. História e formação para a cidadania: nos anos iniciais do Ensino Fundamental. São Paulo: Livraria Saraiva, 2012.

Nesse livro a autora trabalha o conceito de cidadania como categoria central para a formação dos estudantes, apresentando o desenvolvimento histórico dos direitos e deveres que compõem a cidadania infantil.

COLL, César. Psicologia e currículo. São Paulo: Ática, 1999.

Nesse livro, César Coll formula uma proposta de currículo tendo como base a interação entre Pedagogia e Psicologia.

COSTA, Adriana Corrêa. **Consciência fonológica: relação entre desenvolvimento e escrita.** *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 137-153, jun. 2003. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14095/9351>. Acesso em: 3 ago. 2021.

O artigo da pesquisadora da área de Linguística busca relacionar a consciência fonológica ao desenvolvimento da escrita. A pesquisa empírica que deu origem ao artigo estabelece uma correlação entre a maior consciência fonológica e o maior sucesso na aprendizagem da escrita entre crianças do Jardim.

D’ALESSIO, Márcia Mansor *et al.* (org.). **Reflexões sobre o saber histórico.** São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998. (Prismas).

Nesse livro, os entrevistados Pierre Villar, Michel Vovelle e Madeleine Rebérioux avaliam a contribuição da Escola dos Annales e a atualidade da historiografia marxista.

FERNANDES, Cláudia de Oliveira; FREITAS, Luiz Carlos. **Indagações sobre currículo: currículo e avaliação.** Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag5.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2021.

O documento lançado pelo Ministério da Educação reúne cinco textos nos quais pesquisadores da área da Educação refletem sobre as relações entre currículo escolar e diversidade, cultura, direitos e avaliação. Cada um com enfoque temático próprio, como a organização curricular pode estar a par das mudanças nas formas de vida ocorridas no século XXI.

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e ensinar História: anos iniciais do Ensino Fundamental.** Belo Horizonte: Dimensão, 2015.

Nesse livro, a autora se vale de sua experiência como docente no Ensino Básico para pensar na metodologia do ensino de História e sugerir propostas pedagógicas inovadoras para o trabalho com turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

FREITAS, Itamar. **A experiência indígena no ensino de História.** In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (org.). **História: ensino fundamental.** Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o ensino).

O autor analisa nessa obra por que é importante conhecer e discutir história e cultura indígena na formação escolar e por que o respeito à diferença deve ser incorporado como um valor.

FUNARI, Pedro Paulo. **Antiguidade clássica.** Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

O professor Pedro Funari escreveu um livro com linguagem acessível e uma coleção de documentos de grande importância para o estudo da História Antiga. Além do cuidado com as fontes e com os textos, o livro traz uma série de atividades para a fixação das aprendizagens.

HIPOLIDE, Márcia. **O ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

Esse livro disponibiliza ferramentas para o ensino de História nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Além de reunir metodologias próprias para a discussão de conceitos da História, o livro apresenta propostas de atividade para aplicação em sala de aula.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade.** Porto Alegre: Mediação, 2005.

Nesse livro, Jussara Hoffmann busca elaborar uma perspectiva sobre avaliação que se afaste dos modelos classificatórios comumente empregados. A autora constrói uma proposta de avaliação menos interessada em criar rótulos de desempenho e mais integrada aos processos cognitivos dos estudantes.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação, mito e desafio: uma perspectiva construtivista.** Porto Alegre: Mediação, 2003.

Nesse livro, a autora trabalha com exemplos retirados de contextos de sala de aula para desafiar a concepção classificatória da avaliação e defender a pertinência e eficácia da avaliação mediadora. Jussara Hoffmann procura suscitar reflexões que levem o leitor a repensar as práticas avaliativas de modo a buscar integrá-las ao processo de construção do conhecimento.

HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos: uma história.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Nesse livro, Lynn Hunt constrói uma história dos direitos humanos, por meio da análise da Declaração de Independência dos Estados Unidos, da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão e da Declaração Universal dos Direitos Humanos. A historiadora estadunidense reflete sobre avanços e antinomias presentes nos processos históricos analisados.

IPHAN. **Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais.** Brasília, DF: Iphan, 2012. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha_1__parasermais_web.pdf. Acesso em: 3 ago. 2021.

Publicada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, esse documento possui o objetivo de apresentar instrumentos e diretrizes dedicadas à identificação e preservação do patrimônio cultural imaterial. Desse modo, a publicação joga luz sobre a natureza desse tipo de patrimônio e ressalta a importância de preservá-lo.

KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.** São Paulo: Contexto, 2007.

Organizado por Leandro Karnal, o livro se propõe a apresentar reflexões orientadas para subsidiar as práticas de ensino em sala de aula. Reunindo produções textuais de quatorze especialistas no ensino de História, o livro apresenta propostas de abordagem de diferentes temas no interior dessa disciplina.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova.** São Paulo: Martins Fontes, 1990.

Nessa obra, que reproduz parte fundamental de *La nouvelle histoire*, publicada em 1978, sob a direção de Jacques Le Goff, o autor apresenta a História Nova como uma maneira diferente de olhar a história, oferecendo variadas ferramentas para o trabalho do historiador.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família: leitura da fotografia histórica.** São Paulo: Edusp, 1993.

Com base na análise de álbuns de família de imigrantes vindos para São Paulo durante a Grande Imigração, entre 1890 e 1930, a autora desenvolve uma pesquisa crítica da fotografia histórica, transformando os registros fotográficos em testemunhos.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** São Paulo: Cortez, 2011.

Esse livro reúne nove artigos escritos por Cipriano Luckesi nos quais o educador elabora críticas a formas de avaliação baseadas em modelos autoritários, classificatórios e seletivos. Luckesi, em contrapartida, argumenta em favor de uma forma de ensino que incorpore a avaliação ao processo pedagógico, de modo que este seja inclusivo e acolhedor.

MADRIL, Liliana Fraga dos Santos. **Consciência fonológica, sistema de escrita alfabética e letramento: sequências didáticas na alfabetização.** In: X ANPED SUL. **Anais [...]**, Florianópolis, out. 2014. Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1296-0.pdf. Acesso em: 3 ago. 2021.

O artigo analisa dados de uma pesquisa aplicada com estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental. Nessa pesquisa, buscou-se verificar o efeito de sequências didáticas com atividades e brincadeiras sobre a autonomia dos estudantes no processo de aprendizagem da linguagem escrita.

NEMI, Ana; MARTINS, João Carlos; ESCANHUELA, Diego Luiz. **Ensino de História e experiências.** São Paulo: FTD, 2010.

Voltado para uma perspectiva prática, esse livro apresenta uma série de propostas de atividades calçadas em uma visão atualizada da História. A variedade de propostas apresentadas permitem sua aplicação em diferentes realidades escolares.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt *et al.* (org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas.** 9. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

A obra busca explicar a importância da produção de conhecimento na educação contemporânea no intuito de proporcionar uma efetiva transformação social.

ORÍÁ, Ricardo. **Memória e ensino de História.** In: BITENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998. (Repensando o Ensino).

O texto de Ricardo Oriá se coloca como objetivo a discutir a utilização de bens culturais do patrimônio histórico no ensino de História, de modo que despertem a atenção dos estudantes para a importância da preservação da memória coletiva.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Metodologia do ensino de História e Geografia.** São Paulo: Cortez, 1994.

Neste livro, a autora apresenta um panorama do ensino das ciências humanas no Ensino Básico, reflete sobre metodologia, relações professor-estudante e oferece sugestões de práticas para a sala de aula.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **História da cidadania.** São Paulo: Contexto, 2010.

Reunindo contribuições de intelectuais renomados, como Paul Singer, Letícia Bicalho e Leandro Konder, o livro apresenta uma análise da cidadania estabelecida na sociedade ocidental desde os seus fundamentos históricos, até a forma como o processo se deu no Brasil.

RIBEIRO, Marcus Venício. **Não basta ensinar História. Revista Nossa História, ano 1, n. 6, p. 76-78, abr. 2004.**

Nesse artigo, o autor defende a ideia de que, para uma boa formação escolar, além de aprender História, os alunos precisam entender o que leem e saber pensar e escrever.

SEFFNER, Fernando. **Leitura e escrita na História.** In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt (org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas.** 9. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

O autor analisa nesse texto a importância das práticas de leitura e escrita no processo de ensino-aprendizagem de História.

SILVA, Giuslane Francisca da; HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013. **Aedos, Porto Alegre, v. 8, n. 18, ago. 2016, p. 249-250.** Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/59252>. Acesso em: 3 ago. 2021.

Resenha da obra de Maurice Halbwachs, **A memória coletiva**, esse texto procura contextualizar histórica e teoricamente a contribuição de Halbwachs para a ciência histórica, não obstante o fato de o autor ter sido um sociólogo.

SOBANSKI, Adriane de Quadros. **Ensinar e aprender História: histórias em quadrinhos e canções.** Curitiba: Base Editorial, 2010.

Produto do acúmulo teórico e prático resultante de reflexões e do ensino de História na Educação Básica, o livro discute a utilização de textos, canções e histórias em quadrinhos em sala de aula.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Isabel Solé parte de uma perspectiva teórica construtivista para apresentar estratégias para o ensino de leitura que promovam a autonomia dos estudantes no processo de compreensão e interpretação dos textos.

THOMAS, Gary; PRING, Richard. **Educação baseada em evidências: a utilização dos achados científicos para a qualificação da prática pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

No livro, os organizadores reuniram argumentos de diversos autores. Neles são apresentados diferentes pontos de vistas e experiências bem-sucedidas em sala de aula.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Nesse livro, Vygotsky apresenta um pensamento original e inovador sobre o processo de desenvolvimento psicológico em seres humanos. Em um amplo diálogo teórico com áreas como Antropologia, História e Linguística e apoiado sobre extenso material empírico, o psicólogo soviético cria conceitos e perspectivas fundamentais para a compreensão dos processos de construção do pensamento.

A CONQUISTA

HISTÓRIA

Ensino Fundamental - Anos Iniciais
Componente: História

4

Alfredo Boulos Júnior

Doutor em Educação (área de concentração: História da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Mestre em Ciências (área de concentração: História Social) pela Universidade de São Paulo.

Lecionou nas redes pública e particular e em cursinhos pré-vestibulares.

É autor de coleções paradidáticas.

Assessorou a Diretoria Técnica da Fundação para o Desenvolvimento da Educação – São Paulo.

1ª edição, São Paulo, 2021

FTD

Direção-geral Ricardo Tavares de Oliveira**Direção editorial adjunta** Luiz Tonolli**Gerência editorial** Natalia Tacetti**Edição** João Carlos Ribeiro Junior (coord.)Luís Gustavo Reis, Raphael Fernandes, Carolina Bussolaro Marciano,
André Amano, Vivian Ayres, Maiza Garcia Barrientos Agunzi, Bárbara Berges,
Rosane Cristina Thahira, Renata Paiva Cesar, Siomara Sodré Spinola**Preparação e revisão de textos** Viviam Moreira (sup.)

Fernando Cardoso, Paulo José Andrade

Gerência de produção e arte Ricardo Borges**Design** Daniela Máximo (coord.)

Bruno Attili, Carolina Ferreira, Juliana Carvalho (capa)

Imagem de capa Gabi Vasko**Arte e Produção** Vinicius Fernandes (sup.)

Sidnei Moura, Jacqueline Nataly Ortolan (assist.), Marcelo dos Santos Saccomann (assist.)

Diagramação Nany Produções Gráficas**Coordenação de imagens e textos** Elaine Bueno Koga**Licenciamento de textos** Érica Brambila, Bárbara Clara (assist.)**Iconografia** Jonathan Santos, Ana Isabela Pithan Maraschin (trat. imagens)**Ilustrações** Edson Faria, Fábio Eugenio, Getulio Delphim, Héctor Gómez, Lucas Farauj,
Marcelo Camacho/Conexão, Mozart Couto, Osnei, Rmatias.Alexandre Bueno, Allmaps, Dacosta Mapas, Maps World, Renato Bassani, Vespúcio
Cartografia (cartografia)**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Boulos Júnior, Alfredo

A conquista : história : 4º ano : ensino
fundamental : anos iniciais / Alfredo Boulos
Júnior. -- 1. ed. -- São Paulo : FTD, 2021.

Componente: História.

ISBN 978-65-5742-501-5 (aluno – impresso)

ISBN 978-65-5742-502-2 (professor – impresso)

ISBN 978-65-5742-511-4 (aluno – digital em html)

ISBN 978-65-5742-512-1 (professor – digital em html)

1. História (Ensino fundamental) I. Título.

21-72391

CDD-372.89

Índices para catálogo sistemático:

1. História : Ensino fundamental 372.89

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Reprodução proibida: Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610
de 19 de fevereiro de 1998. Todos os direitos reservados à

EDITORA FTD.

Rua Rui Barbosa, 156 – Bela Vista – São Paulo – SP
CEP 01326-010 – Tel. 0800 772 2300
Caixa Postal 65149 – CEP da Caixa Postal 01390-970
www.ftd.com.br
central.relacionamento@ftd.com.brEm respeito ao meio ambiente, as folhas
deste livro foram produzidas com fibras
obtidas de árvores de florestas plantadas,
com origem certificada.Impresso no Parque Gráfico da Editora FTD
CNPJ 61.186.490/0016-33
Avenida Antonio Bardella, 300
Guarulhos-SP – CEP 07220-020
Tel. (11) 3545-8600 e Fax (11) 2412-5375

APRESENTAÇÃO

Querida professora, professor querido, queridos alunos,
Ler e escrever é, a nosso ver, compromisso de todas as áreas, e não somente da Língua Portuguesa. É, portanto, também um compromisso da área de História. E esse compromisso nós assumimos estimulando a leitura e a escrita ao longo desta coleção!

Nossa coleção nasceu de muitas conversas que tivemos com educadores que entregaram sua vida ao sonho de ver uma criança descobrindo a escrita. Nasceu, também, do que aprendi com meus alunos, crianças e jovens de diferentes lugares e origens.

Aos meus alunos busquei mostrar a importância do exercício constante da leitura e da escrita, da educação do olhar e da construção de conceitos. E procurei também alertar para a importância de compreender sem julgar, pois à História não cabe julgar, mas sim compreender!

Por fim, quero agradecer aos editores que guiaram meus passos e aos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em cujos olhos eu vi um olhar amoroso voltado à criança.

O autor.

Veja o que significam os ícones que aparecem no seu livro:

-  Atividade oral
-  Atividade para casa
-  Atividade em dupla
-  Atividade no caderno
-  Atividade em grupo

SEÇÕES DA OBRA

▶ O QUE SABEMOS?

As atividades destas páginas visam contribuir para a avaliação diagnóstica.

▶ ABERTURA DE UNIDADE

O volume é organizado em quatro unidades. Nas aberturas de cada uma, são apresentados os temas estruturais abordados. Nelas há questões que também permitem observar os conhecimentos prévios dos estudantes.

▶ ESCUTAR E FALAR

Seção que busca incentivar a expressão oral e a competência argumentativa dos estudantes, bem como trabalhar a escuta como elemento básico do diálogo.

▶ VOCÊ LEITOR!

Nesta seção, destacamos a competência leitora com diferentes gêneros textuais.

▶ VOCÊ ESCRITOR!

A leitura e a escrita são complementos de todas as áreas. Nesta seção, há um convite para que os estudantes desenvolvam sua competência escritora.

▶ VOCÊ CIDADÃO!

Atividades que incentivam os estudantes a conhecerem e melhorarem seu entorno, a comunidade, a cidade e o país.

REPRODUÇÃO PROIBIDA

SUMÁRIO



STRECK FUNDY / SHUTTERSTOCK.COM

O QUE SABEMOS? 6

UNIDADE 1 • MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS 8

1 QUEM FAZ A HISTÓRIA 10
 A tradicional cozinha mineira 12

2 TEMPO E PRIMEIROS TEMPOS 16
 Nosso calendário 16
 Algarismos romanos 16
 Antes e depois de Cristo 18
 Linha do tempo 18
A vida nos primeiros tempos 20
 Caçadores e coletores 20
 O domínio do fogo 22
 Agricultores e pastores 24
 Agricultura e sedentarização 25
 O desenvolvimento da metalurgia 28

DIALOGANDO COM LÍNGUA PORTUGUESA 30

RETOMANDO 32

UNIDADE 2 • CIRCULAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA HISTÓRIA 34

1 DA ÁFRICA PARA O MUNDO 36

O povoamento da América 37
 Descobertas sobre a presença humana na América 39
 Os estudos de Niède Guidon 40
 Povoadores das terras onde hoje é o Brasil 42
 O povo de Lagoa Santa 42
 Os povos dos sambaquis 44
 Agricultores da Amazônia 46

2 CIDADES DO PRESENTE E DO PASSADO 47

A cidade de hoje 47
Cidades do passado 50
 A cidade mesopotâmica 52
 Economia 53
 A invenção do comércio 53
 Povos antigos e comércio 54

3 MEIOS DE COMUNICAÇÃO: PASSADO E PRESENTE 60

A imprensa chega ao Brasil 61
O telefone 62
 O telefone antes da discagem direta 63
O rádio 64
A televisão 66
O celular 67
A internet 68
 Exclusão digital 69

RETOMANDO 70



ERIC SIMARDALAMY/FOTONENA

UNIDADE 3 • FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO 72

1	POVOS INDÍGENAS NO BRASIL	74
	Diferenças entre os indígenas.....	74
	A pintura corporal.....	74
	O formato das aldeias indígenas.....	75
	A língua de cada povo.....	76
	Palavras indígenas usadas pelos brasileiros no dia a dia.....	77
	Semelhanças entre os indígenas.....	78
	A terra para os indígenas tem um valor sagrado.....	78
	O trabalho é dividido entre homens e mulheres.....	79
	O cuidado com o ambiente.....	79
2	PORTUGUESES ONDE HOJE É O BRASIL	80
	As Grandes Navegações.....	80
	Motivos das navegações portuguesas.....	81
	A caminho das Índias.....	83
	A concorrência espanhola.....	84
	Cabral chega aonde hoje é o Brasil.....	85
	Consequências das grandes navegações.....	86
	Os primeiros contatos.....	87
	O desencontro entre indígenas e portugueses.....	88
3	OS AFRICANOS ANTES E DEPOIS DOS EUROPEUS	90
	Os bantos.....	91
	Reino do Congo.....	91
	Os iorubás.....	94
	Política e arte.....	95
	Africanos no Brasil.....	97
	A viagem.....	98
	Trabalho e castigos.....	100
	Resistência, adaptação e marginalização.....	101

DIALOGANDO COM LÍNGUA PORTUGUESA..... **106**

RETOMANDO..... **108**

UNIDADE 4 • ABOLIÇÃO E IMIGRAÇÃO 110

1	ABOLIÇÃO	112
	Os motivos.....	112
	A luta dos escravizados.....	112
	A Inglaterra contra o comércio de escravizados.....	113
	Lei Eusébio de Queirós.....	113
	O movimento abolicionista.....	114
	As leis e a realidade.....	116
	Os afrodescendentes após a abolição.....	117
	O samba e outras artes.....	119
2	DA EUROPA PARA A AMÉRICA	120
	Por que os europeus vieram.....	120
	Imigrantes no Sul.....	122
	Imigrantes em São Paulo.....	125
3	IMIGRANTES: TRABALHO, RESISTÊNCIA E CULTURA	128
	Operários e indústrias na Primeira República.....	130
	Alimentação, religião e futebol.....	131
	A fé dos imigrantes.....	132
	Futebol.....	133
	Migrações internas.....	134
	Migrações mais recentes.....	136
	Formação da sociedade brasileira.....	138

O QUE APRENDEMOS..... **140**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS..... **144**

► GLOSSÁRIO

Verbetes para facilitar a leitura de textos com palavras que podem gerar dúvidas.

► DIALOGANDO

Esta seção incentiva o estudante a refletir e argumentar sobre um tópico relevante e pertinente ao tema estudado.

► DIALOGANDO COM LÍNGUA PORTUGUESA

Atividades que trabalham a interdisciplinaridade com Língua Portuguesa. Em alguns volumes da coleção, há também atividades com as disciplinas de Ciências e Matemática.

► RETOMANDO

A seção oferece atividades para revisão dos temas da unidade. Elas dão subsídios para a avaliação formativa e para o monitoramento da aprendizagem.

► O QUE APRENDEMOS

Ao final do ano letivo, essas atividades encerram o livro e oferecem subsídios para a avaliação somativa.

- 3 O que são lugares de memória? Cite dois exemplos.
- 4 O que é um espaço público? Dê um exemplo de espaço público do lugar onde você vive.
- 5 Leia o texto com atenção.

Pedro gostava de seus avós e correu para um abraço cheio de saudade. Na sala da casa, havia várias fotos antigas, e o vô Lourival falava de cada uma delas [...].

Na fazenda do vô Lourival, todos dormem cedo e acordam cedo. Pedro acordou com os primeiros raios de sol, para acompanhar seu avô na **ordenha** da vaca. [...]

Ordenhar: extrair o leite.

Henrique Didimo. **Pai, de onde eu vim?** Ceará: MAIS PAIC, 2016. p. 16.

- a) As fotografias expostas na sala do vô Lourival ajudam a contar uma história? Qual?
 - b) Como será que é feita a ordenha na fazenda do vô Lourival?
 - c) Hoje em dia, em muitas propriedades rurais, a ordenha é feita de um modo diferente daquele feito na fazenda do vô Lourival. Por quê?
 - d) O modo de vida descrito no texto continua existindo apesar do desenvolvimento da tecnologia?
 - e) O modo de vida descrito no texto é parecido com o seu? Explique.
- 6 Leia o texto com atenção.

Quando eu era pequeno, [...] eu sentava no degrau da loja pra ver o homem que vinha acender o lampião de gás. Ele vinha com uma vara que tinha um isqueiro na ponta e com uma chave para abrir a caixinha. Puxava uma cordinha e acendia o lampião. Ele vinha sempre ao anoitecer [...] E [...] de manhã cedo apagar, mas eu não assistia, estava dormindo [risos].

Memórias da Rua Augusta. Museu da Pessoa, 3 jun. 2005. Disponível em: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/historia/memorias-da-rua-augusta-43663>. Acesso em: 17 jul. 2021.

- a) Que profissão é citada no texto?
 - b) Essa profissão continua existindo no presente? Por quê?
- 7 Com o desenvolvimento acelerado da tecnologia, algumas profissões deixaram de existir e surgiram novas profissões. Cite dois exemplos.

▶ RESPOSTAS

3. Lugares de memória são lugares que guardam a memória e a história dos moradores de um lugar. Por exemplo, ruas, praças, bibliotecas e museus são importantes lugares de memória.

4. Espaço público é um lugar pertencente a todos nós e administrado pelo governo. Exemplos possíveis: rua, quadra, avenida, praça, parque, praia, escola etc.

5. a) Sim. As fotos expostas na sala do vô Lourival ajudam a contar a história da família dele.

b) Provavelmente, a ordenha na fazenda do vô Lourival é feita de forma manual.

c) Por conta do desenvolvimento da tecnologia, em muitas propriedades rurais a ordenha é feita com o auxílio de máquinas.

d) Sim. Apesar do desenvolvimento da tecnologia, os modos de viver coexistem.

e) Resposta pessoal.

6. a) O texto cita a profissão de acendedor de lampião.

b) Essa profissão não existe mais. O trabalho do acendedor de lampião deixou de existir devido à eletricidade e ao desenvolvimento da tecnologia. Hoje, as luzes das ruas e avenidas são acesas automaticamente por meio de sensores que detectam a diminuição ou o aumento da luz natural.

7. Respostas possíveis: influenciador digital, *game designer*, *cyberatleta* etc.

INTRODUÇÃO À UNIDADE

Começamos esta primeira unidade trabalhando o importante conceito de “sujeito histórico” e evidenciando para o aluno que a história é feita por todos nós. Como lembrou a professora Circe Bittencourt, história é tempo, mas é, também, espaço. Daí a importância de localização dos eventos históricos no espaço e da aprendizagem da leitura de mapas impressos e/ou digitais.

No tocante às “mudanças no tempo”, lembrar que é específico da História a análise de um tema em uma perspectiva temporal.

Para exemplificar a ocorrência de mudanças no tempo, escolhemos imagens sobre formas de comunicação do passado e do presente, e sobre modos de se vestir, um antigo e outro atual; e cuidamos para que os personagens fotografados fossem pessoas com idades próximas às dos alunos a que a obra se destina. Para auxiliar na construção da ideia de permanência, recorreremos à culinária de Minas Gerais e a um hábito antigo de hospitalidade mineira.

Com este primeiro esforço, quisessemos ajudar no desenvolvimento das habilidades (EF04HI01) e (EF04HI02).

Para introduzir o estudo sobre os primeiros grupos humanos, consideramos importante retomar e consolidar o trabalho iniciado no segundo ano com um importante marcador de tempo, o calendário. Com isso, queremos auxiliá-los a localizarem eventos inseridos na longa duração, a exemplo do desenvolvimento da agricultura e do pastoreio, do processo de sedentarização e da criação da metalurgia, entre outros. Depois, estudamos a vida nos primeiros tempos e suas principais personagens, os caçadores e coletores. Pelos artefatos de pedra e osso que resistiram ao tempo e outros vestígios deixados por eles, ficamos sabendo qual era sua dieta, como conseguiam alimento, onde se abrigavam, e que eram praticantes do nomadismo, mudando de um lugar para outro sempre que a oferta de alimentos diminuía.

No passo seguinte, descrevemos em poucas linhas o processo de sedentarização vivido por parte dos grupos humanos: inicialmente foram se avizinando dos rios pela facilidade em obter água e, aos poucos, aproveitando-se das terras umedecidas pelas chuvas, desenvolveram a prática da agricultura e do pastoreio

UNIDADE

1

MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS

Durante muito tempo se considerou que a história era feita por reis, presidentes, bispos e generais, ou seja, por grandes personagens, como o general Napoleão Bonaparte ou o imperador Dom Pedro I. Nessa visão, as pessoas comuns eram deixadas de lado; não faziam parte da história.

Hoje se sabe que a história é feita por todos nós; pessoas comuns, como eu, você, sua professora, a diretora, o guarda... E também por grupos – mulheres, idosos, militares, operários, empresários, artistas, políticos, entre outros. Todas essas pessoas e grupos fazem história, ou seja, são sujeitos históricos.



▲ Crianças em manifestação pela paz. Rio de Janeiro (RJ), 2007.

DIALOGANDO

Você considera importante a mensagem que está na faixa? Por quê?

Respostas pessoais.

8

que, por sua vez, aceleraram o processo de sedentarização. Deste então, grupos sedentários passaram a conviver com grupos nômades.

O debate sobre o advento da agricultura e seus desdobramentos e o conhecimento a respeito do processo de sedentarização e da convivência entre grupos nômades e sedentários quis contribuir para o desenvolvimento das habilidades (EF04HI02) e (EF04HI04).

Quanto ao desenvolvimento da metalurgia – e o trabalho com cobre, bronze e ferro – trabalhamos com os estudantes a ideia de que a posse de instrumentos de

metal – sobretudo o ferro – permitiu a alguns grupos humanos vencer seus adversários e se apoderar das melhores terras.

Os pré-requisitos para a realização plena das atividades e o atingimento dos objetivos pedagógicos são:

- As habilidades e conceitos trabalhados e avaliados nos anos anteriores, lembrando que essas avaliações devem servir para a elaboração de novas propostas de acompanhamentos de aprendizagem.
- O engajamento dos estudantes no processo de alfabetização iniciado na Educação Infantil.



- Observe a imagem da página ao lado e a desta página.
1. O que levou as crianças mostradas na página anterior a saírem em passeata? *Resposta pessoal.*
 2. E nesta página, por que as pessoas saíram nas ruas em passeata? *Resposta pessoal.*
 3. As personagens das imagens (crianças e adultos) estão fazendo história? *Resposta pessoal.*

De nossa parte, propusemos atividades específicas voltadas ao objetivo de engajar os estudantes no processo de alfabetização, com destaque para as da seção **Dialogando com Língua Portuguesa**.

OBJETIVOS

- **Trabalhar** a ideia de que a história é feita pelos seres humanos.
- **Refletir** sobre o bloco conceitual mudanças e permanências.
- **Apresentar** a noção de linha do tempo.
- **Discutir** o significado dos grandes

marcos históricos (nomadismo, desenvolvimento da agricultura e do pastoreio e da indústria).

- **Retomar** e aprofundar o conceito de calendário.
- **Trabalhar** o uso de algarismos romanos na escrita dos séculos.
- **Caracterizar** o modo de vida dos coletores e caçadores.
- **Diferenciar** nomadismo de sedentarismo.
- **Destacar** a importância do desenvolvimento da metalurgia para os seres humanos.

► ENCAMINHAMENTO

Professor, na seção **Dialogando**, da página 8, aproveitar o diálogo para promover a cultura da paz, conforme recomendação da Organização das Nações Unidas (ONU).

No trabalho com a página 9, fornecer exemplos de sujeito histórico individual, como o aluno, a professora, o delegado, a prefeita etc., e sujeitos históricos coletivos, como as mulheres, as crianças, os idosos, os operários, os industriais etc. Lembrar que alguns historiadores preferem o termo ator social em vez de sujeito histórico.

Em seguida, sugere-se:

- Promover uma conversa com os estudantes sobre o termo “sujeito histórico”.
- Evidenciar para os estudantes que todas as pessoas são sujeitos históricos e fazem parte de grupos sociais situados em um período específico da história, deixando marcas que poderão ser lembradas no futuro.

+ ATIVIDADES

Propor aos estudantes que escrevam um texto para o verbete “sujeito histórico”. Para embasar a escrita, pode-se sugerir a leitura de verbetes e a discussão sobre os textos desse gênero. No endereço a seguir, é possível encontrar bons textos do gênero textual verbete de enciclopédia infantil: BRITANNICA ESCOLA. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/>. Acesso em: 9 jul. 2021.

SUGESTÃO ► PARA O ALUNO

VÍDEO. O QUE É História? Vídeo (10min4s). Publicado pelo canal rangelfourteen. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jtfB1TvkBZI>. Acesso em: 9 jul. 2021.

O vídeo utiliza recortes do filme **Deu a louca na Chapeuzinho** para exemplificar o processo de investigação do historiador em busca da verdade. Ao mesmo tempo, mostra diferentes pontos de vista de um mesmo fato.

ROTEIRO DE AULA

Professor, para dar início ao trabalho com este capítulo, pedir aos alunos que observem as imagens desta página e, a seguir, perguntar a eles:

- O que retrata a fotografia reproduzida na parte superior da página?
- O que vemos na fotografia reproduzida na parte inferior da página?
- Comparando as duas imagens, que mudanças podemos observar ao longo do tempo, além da tecnologia?

Essas questões podem auxiliar os alunos a construir as noções de anterioridade/posterioridade, passado/presente.

Em seguida, sugere-se:

Comparar a imagem da parte superior da página, que mostra um menino escrevendo uma carta, com a imagem reproduzida na parte inferior da página, que mostra um menino usando o celular para enviar uma mensagem.

Se julgar pertinente, após a exibição das imagens, revelar aos alunos que a primeira imagem é de cerca de 1950 e a segunda, de 2019.

Destacar que, nos últimos 60 anos, as mudanças no campo da tecnologia ocorreram em um ritmo acelerado e afetaram fortemente a vida em sociedade, inclusive os modos de nos comunicarmos. Esse exercício e o da página seguinte podem ajudar a construir a noção de mudança, que é específica da História e decisiva no ensino da disciplina.

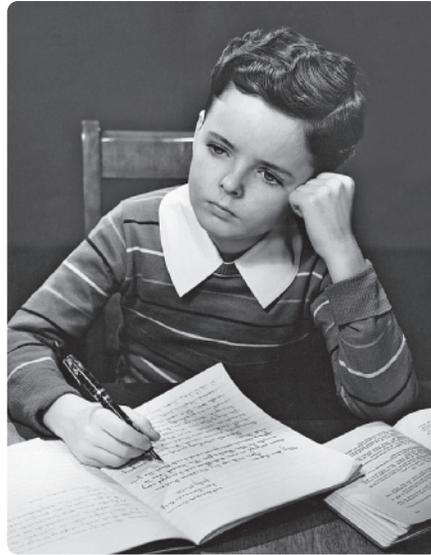
- Ampliar o debate, abordando outros meios de comunicação, a exemplo do telégrafo, que perderam espaço, sobretudo em virtude do desenvolvimento tecnológico.

+ATIVIDADES

Organizar os estudantes em duplas e propor que se imaginem como uma das crianças retratadas nas imagens reproduzidas nas páginas 10 e 11. Reservar um tempo para a atividade, sugerindo que as duplas

1**QUEM FAZ A HISTÓRIA?**

Observe as imagens e leia as legendas.



- ◀ Menino escrevendo carta para uma amiga que se mudou com a família para outro estado.

Se você comparar as imagens desta página, vai perceber que o mundo em que você vive é muito diferente daquele em que seu avô cresceu.

- ▼ Menino escrevendo mensagem para uma amiga que se mudou com a família para outra região do Brasil.



10

conversarem entre si, um aluno assumindo o papel da criança do tempo passado e o outro, do tempo presente. Pode-se determinar uma temática (brincadeiras, alimentação, vestuário etc.) ou deixar o tema livre. Após essa vivência, solicitar que escrevam um texto narrativo, contendo diálogos entre as duas crianças, de diferentes tempos históricos.

Proporcionar a experiência de leitura/escuta dos textos, para que os estudantes conheçam as narrativas criadas. Se não houver tempo para a partilha de

todos os componentes, proponha que realizem essa leitura entre as duplas.

Esta atividade pretende contribuir para o desenvolvimento da seguinte habilidade de Língua Portuguesa: (EF35LP25) Criar narrativas ficcionais, com certa autonomia, utilizando detalhes descritivos, sequências de eventos e imagens apropriadas para sustentar o sentido do texto e marcadores de tempo, de espaço e de fala de personagens.

As mudanças, porém, não foram apenas no modo de se comunicar: os modos de pensar, agir e de se vestir também mudaram. Observe as fotografias das meninas.



SMITH COLLECTION/GOGETTY IMAGES



ZAGORODINA/SHUTTERSTOCK.COM

1. A fotografia à esquerda é antiga ou recente? Como você chegou a essa conclusão? *A fotografia à esquerda é antiga, e isto pode ser percebido pelo modelo do vestido, pela pose para a fotografia e pelo desenho do banco no qual ela apoia a mão esquerda.*
2. Descreva o modo de se vestir da menina à esquerda.
A menina à esquerda traça um vestido preto longo com babado de renda branca e bota escura de cano médio. O cabelo está preso e rigorosamente penteado.
3. Agora, descreva os trajes da menina à direita. *A menina à direita está de blusa florida, uma calça jeans, com barra combinando com a blusa, e sapatilha. O cabelo está solto.*
4. O que se percebe comparando os trajes dessas meninas?
Percebe-se que ocorreram mudanças ao longo do tempo.

11

TEXTO DE APOIO

Um mundo em transformação

Tudo muda, a cada momento, no mundo contemporâneo. Portanto, o conceito com o qual precisamos trabalhar, atualmente, com muita desenvoltura, é o de “mudança”.

Muitos pensam que a comunicação e a tecnologia são a *pedra de toque* da sociedade contemporânea. Eu diria que ambas são partes de um profundo processo de transformação. Os avanços tecnológicos foram constantes na história da humanidade. As invenções do fogo, da cerâmica, da roda, do aqueduto, do uso

do vapor etc. marcaram a vida de diferentes civilizações, mas foram alterando os hábitos lentamente.

Hoje, tudo muda a toda hora, tornando difícil a sobrevivência dos homens que constituíram hábitos, costumes, tradições e que resistem a formas diferentes de vida.

O homem pode mostrar no cinema, nos livros, na arquitetura que o mundo mudou, concentrou riquezas, aproximou apenas espacialmente os homens. Mas

► ENCAMINHAMENTO

- Destacar que o trabalho com as duas imagens desta página é uma continuação do trabalho iniciado na página anterior, com uma diferença: enquanto na página anterior a mudança mais evidente estava no campo da tecnologia, nesta, a principal mudança se verifica no campo do vestuário.
- Investir na leitura das imagens e estabelecer relações entre passado e presente.
- Retomar e consolidar o conceito de mudança, que é basilar em História.

Professor, na **atividade 3**, estimular os alunos a perceberem que a fotografia da menina à esquerda é bem formal; já a fotografia da menina à direita é mais informal; note que seu corpo repousa sobre a perna esquerda.

Se julgar pertinente, após a realização das atividades, explicar aos alunos que a primeira imagem é do ano de 1920 e a segunda, de 2013.

é difícil preparar o homem para esse desafio contemporâneo, um desafio onde nada, nunca, está no mesmo lugar, onde as relações de causa e efeito não fazem mais sentido porque a mudança cria uma infinidade de variáveis que nos obriga a trabalhar com as ideias de sistema ou de rede. [...]

THEODORO, Janice. Educação para um mundo em transformação. In: KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2003. p. 49-50.

ROTEIRO DE AULA

Nesta coleção, mostram-se exemplos de diferentes partes do país. É importante que as crianças reconheçam e valorizem a enorme diversidade de povos e culturas existentes no território brasileiro.

Depois de estimular, de diversas formas, a construção da noção de mudança, é chegada a hora de trabalhar outra noção igualmente importante em História: a de permanência, ou seja, aquilo que se mantém apesar da passagem do tempo.

Nesta página, busca-se dar uma contribuição por meio de uma tradição regional, mostrando que o ato de fazer queijo artesanal é uma permanência na história do estado de Minas Gerais.

SUGESTÃO ► PARA A FAMÍLIA

YOUTUBE. MODO Artesanal de Fazer Queijo Minas. Vídeo (8 min). Publicado pelo Portal Revista Attalea Agronegócios. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NpEctLvWJO8>. Acesso em: 10 jul. 2021.

Vídeo sobre o modo artesanal de fazer queijo de Minas.

ATIVIDADES

Propor aos estudantes que conversem com seus familiares para pesquisar receitas de pão de queijo e produzir um vídeo mostrando a preparação da receita. Se não for possível preparar a receita, pedir aos estudantes que desenhem os ingredientes e as quantidades necessárias e produzam o vídeo utilizando essas ilustrações. Os vídeos produzidos podem ser disponibilizados nas redes oficiais da escola.

TEXTO DE APOIO

Modo Artesanal de Fazer Queijo de Minas

Modo Artesanal de Fazer Queijo de Minas, nas regiões do Serro, da Serra da Canastra e do Salitre, em Minas Gerais, foi inscrito no Livro de Registro dos Saberes, em junho de 2008. Esse bem imaterial constitui um conhecimento tradicional e um traço marcante da identidade cultural dessas regiões. A produção

A História não estuda apenas as mudanças; estuda também as permanências, ou seja, aquilo que se manteve apesar da passagem do tempo. Um exemplo é o hábito de comer queijo em Minas Gerais. Há mais de 200 anos, as pessoas que viviam em Minas Gerais já comiam queijo. Atualmente, continuam mantendo esse hábito. Portanto, comer queijo é uma **permanência** na história de Minas Gerais.

A TRADICIONAL COZINHA MINEIRA

A cozinha mineira é hoje uma das mais apreciadas no Brasil. Suas origens estão no século 18, quando a população das “minas gerais” se ocupava apenas com a extração do ouro e de pedras preciosas. Para resolver o problema da falta de alimentos, eles começaram a criar animais, como o porco, a plantar cereais, como o milho e o feijão, e verduras, como a couve.

A partir de 1730, começaram a surgir alguns pratos típicos da culinária mineira, como o quiabo com angu (fubá com água). E os moradores das Gerais desenvolveram a arte de fazer queijo.

No século 19, a mineração perdeu força, enquanto a agricultura e a pecuária tornavam-se as atividades mais importantes de Minas. O leite e os queijos passaram a ser mais consumidos. O pão de queijo tornou-se o que hoje é: um típico alimento mineiro.

Foi naquela época, também, que o café feito no bule e o doce de leite com queijo passaram a fazer parte do modo mineiro de receber uma visita!

DIALOGANDO

O que você entende por permanência?

Prática ou costume que não mudou apesar da passagem do tempo.

12



▲ Café à moda mineira.

artesanal do queijo de leite cru representa uma alternativa bem-sucedida de conservação e aproveitamento da produção leiteira regional, em áreas cuja geografia limita o escoamento dessa produção.

Em cada uma das regiões, os detentores do conhecimento forjaram um modo de fazer próprio, expresso na forma de manipulação do leite, dos coalhos e das massas, na prensagem, no tempo de maturação (cura), conferindo a cada queijo aparência e sabor específicos.

Como todo queijo artesanal feito no Brasil, as bases originais do modo de fazer queijo nas Gerais, vêm da tradição portuguesa da Serra da Estrela, na região central de Portugal. E, como todo produto cultural, ao longo do tempo transformou-se dinamicamente e buscou aderir-se à realidade local, fundamentando estruturas, instrumentos, técnicas e fazeres que lhes são próprios.

MODO Artesanal de Fazer Queijo de Minas. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/65>. Acesso em: 10 jul. 2021.

Outro exemplo de permanência é a brincadeira de “pega-pega”. O tempo passou e as crianças de hoje continuam brincando de “pega-pega” em diferentes espaços, como quadra, pátio, sítio, salão de festas, entre outros.



▲ “Pega-pega” no passado. Escola francesa, século 19.

Resumindo: a História estuda as **mudanças** e também as **permanências**, o passado e também o presente, bem como a relação entre um e outro. Por isso, dizemos que a **História é o estudo dos seres humanos no tempo**.



▲ Fotografia atual de crianças brincando de “pega-pega”.

VÍDEO-MINUTO

Produza um vídeo-minuto que registre mudanças e permanências ocorridas na sua comunidade ou município.

- Ensaie o que vai dizer.
- Calcule o tempo.
- Grave o vídeo.
- Caso tenha ficado com mais de um minuto, regrave.
Produção pessoal.

SUGESTÃO ► PARA O PROFESSOR

SITE. MAPA do brincar. Folha de S.Paulo. Disponível em: <https://mapadobrinca.folha.com.br/>. Acesso em: 10 ago. 2021.

Site que reúne 750 brincadeiras praticadas em todo o país.



► ENCAMINHAMENTO

Pedir que os alunos observem as imagens e falem livremente sobre elas. Instigá-los fazendo perguntas:

- O que há em comum entre as duas imagens?
- O que vocês observam de diferente entre elas?
- As imagens são da mesma época?
- Qual delas é a mais antiga?

Em seguida, sugere-se:

- Ampliar o trabalho desenvolvido nesta página perguntando aos alunos que outras brincadeiras antigas continuam sendo praticadas nos dias atuais.
- Ampliar o debate abordando as brincadeiras tradicionais que vêm perdendo espaço atualmente, sobretudo por causa da tecnologia.
- Explorar o Mapa do Brincar do jornal **Folha de S.Paulo** (ver Sugestão para o professor).
- Propor que os estudantes participem de uma brincadeira de pega-pega, lembrando as regras. Após esse momento lúdico, dividir a turma em grupos e solicitar que criem uma variação da brincadeira: um pega-pega com obstáculos, com novas regras, que deverão ser escritas.

SUGESTÕES ► PARA O ALUNO

VÍDEO. IMITANDO os bichos. Vídeo (2min56s). Publicado pelo canal Palavra Cantada Oficial. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sIShEL-N1mA>. Acesso em: 10 jul. 2021.

Clipe musical com brincadeira de roda.

VÍDEO. PROJETO Resgata Brincadeiras Antigas. Vídeo (4min12s). Publicado pelo canal Record TV Goiás. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oimXcewRtoc&t=116s>. Acesso em: 10 jul. 2021.

Reportagem da TV Goiás sobre brincadeiras antigas.

LIVRO. MUNIZ, Flávia. **O jogo do pega-pega**. São Paulo: FTD, 2012.

A brincadeira de uma bola começa no mato, vai até o sapo, o pato, a jiboia, o peixe e termina no mato. Tudo por meio de frases curtas, sílabas simples, diversão e surpresa.

► ENCAMINHAMENTO

- Levar os alunos a desenvolverem as atividades desta página em duplas, de modo que um aluno aprenda com o outro.

- Elaborar um registro coletivo com as principais ideias das crianças sobre os conceitos de tempo, mudanças e permanências, antigo e atual, entre outros. Lembrar que tempo é uma categoria central da História. Portanto, o trabalho com essa categoria deve ser retomado e aprofundado ao longo de todo o curso de História do Ensino Fundamental – anos iniciais e finais.

- Explorar as imagens com o grupo, investindo na educação do olhar. Valorizar as hipóteses das crianças e, só depois, solicitar a elas que identifiquem as mudanças e permanências.

O uso de imagens de um patrimônio em diferentes tempos, visa trabalhar o binômio antigo/recente e dar continuidade à construção da noção de permanência, usando agora uma fonte histórica material.

CONTEÚDO DE APOIO

O ensino de mudanças e permanências

O professor de História, assim como o pesquisador, pode utilizar juntamente com seus alunos, elementos gráficos para a construção do conhecimento. Entretanto, esse trabalho não elimina a utilização de outros suportes ou instrumentos documentais, [...] como a fotografia, pintura, filmes, estudos do meio e de fontes escritas, por exemplo, jornais, livros, revistas, entre outras. [...]

Um dos eixos temáticos que podem ser usados nesse trabalho é o da “cidade” (e seu processo de urbanização). Com base no estudo prévio das mudanças e permanências da paisagem da região central de uma cidade é possível apreendermos as causas desses processos e quais os efeitos para a comunidade, incluindo impactos em sua memória e identidade, além dos significados construídos socialmente para os elementos da paisagem, como os prédios históricos, os quais compõem o patrimônio cultural local.

ABUD, Kátia Maria; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. **Ensino de História**. São Paulo: Cengage Learning, 2013. p. 93-94.

1. Observe as imagens com atenção.



4NS COLLECTION/PIRSTOCK/AGENCE FOSTONE



OLEKSY/REZINHUTTERSTOCK.COM

a) Pode se perceber que a da esquerda é mais antiga comparando-se os trajes das meninas e os modelos de bicicleta.

a) Qual das fotografias é mais antiga? Por quê?

b) Comparando a fotografia da esquerda com a da direita, o que se pode concluir?

b) Conclui-se que ocorreram mudanças nos modelos de bicicletas e nos trajes das ciclistas. A menina da direita está com capacete de proteção, item essencial para a segurança e muito utilizado nos dias atuais.

2. Observando essa paisagem de Olinda, no passado e no presente, você percebe mudanças ou permanências? Justifique.



ALFRED EBENRAEDHULLSTEIN BILD VIA GETTY IMAGES



MARCIO JOSE BARDI/SIMAS/SHUTTERSTOCK.COM

À esquerda, a Igreja do Carmo, em Olinda (PE), em 1934, e, à direita, a mesma igreja, em 2015.

2. Percebe-se permanências; apesar do passar do tempo, a paisagem mostrada na imagem é semelhante à de muito tempo atrás.

3. Reveja as atividades 1 e 2 e tente responder: o que a História estuda? *A História estuda as mudanças e as permanências ocorridas nas sociedades humanas ao longo do tempo.*
4. Observe as imagens a seguir.



RECORBISGETTY IMAGES



ERIC SIVARD/ALAMY FOTODAREVA

4. a) Na imagem à esquerda, veem-se vários músicos acompanhando uma menina cantando. Na imagem da direita, vê-se outra menina cantando acompanhada apenas por uma máquina de *karaoke*.

- a) O que se vê nas imagens?
- b) Que mudança é possível perceber comparando a fotografia da esquerda à da direita? *Percebe-se que os músicos foram substituídos por uma máquina de *karaoke*.*

5. Copie a alternativa correta no caderno. A substituição de vários músicos por uma máquina é uma mudança causada: *Alternativa c.*

- a) pela vontade de mudar.
- b) pela qualidade do som.
- c) pela inovação da tecnologia.
- d) pelo acaso.

+ATIVIDADES

• Há quanto tempo sua escola foi fundada? Pesquise e, a seguir, respondam:

- a) O que mudou de lá para cá?
- b) No prédio da escola, foram feitas novas construções?
- c) Os cursos oferecidos aumentaram? Diminuíram?
- d) A cor do prédio mudou? Qual era e qual é a cor do prédio agora?

SUGESTÃO ► PARA O PROFESSOR

LIVRO. PINSKY, Jaime. **Por que gostamos de História.** São Paulo: Contexto, 2013.

Nessa obra o historiador Jaime Pinsky trabalha o fascínio que as narrativas históricas exercem sobre nós. Ele aborda temas como cultura, educação e família, entre outros.

▶ HABILIDADES

(EF04HI02) Identificar mudanças e permanências ao longo do tempo, discutindo os sentidos dos grandes marcos da história da humanidade (nomadismo, desenvolvimento da agricultura e do pastoreio, criação da indústria etc.).

(EF04HI04) Identificar as relações entre os indivíduos e a natureza e discutir o significado do nomadismo e da fixação das primeiras comunidades humanas.

ROTEIRO DE AULA

Para dar início ao tema, pode-se perguntar ao aluno:

- O que é calendário?
- Para que serve?
- Você sabe qual é o calendário adotado no Brasil?
- Nesse calendário, os meses têm a mesma quantidade de dias?
- Em um ano, quantos dias tem?
- Em uma década, quantos anos tem?
- Um século tem cem anos. Em qual século estamos?
- Em seguida, como encaminhar o trabalho, sugere-se:
 - Retomar e aprofundar o conceito de calendário.
 - Trabalhar com a turma o calendário cristão.
 - Esclarecer sobre o uso de algarismos romanos na escrita dos séculos.
 - Identificar a que século pertence determinado ano.
 - Explicar quando um século começa e quando termina.

2º TEMPO E PRIMEIROS TEMPOS

NOSSO CALENDÁRIO

Para contar e dividir o tempo, os seres humanos criaram calendários. No Brasil, o calendário mais usado é o cristão. Esse calendário divide o tempo em dia, semana, mês, ano, década (10 anos), século (100 anos) e milênio (1000 anos). Assim, dizer que estamos em 2023 significa que já se passaram 20 séculos e 23 anos do nascimento de Cristo.

ALGARISMOS ROMANOS

O século é uma unidade de tempo muito usada em História. Geralmente, escrevemos o número do século em algarismos romanos: século I, século II, século III, e assim por diante. Veja a escrita de 1 a 20 em algarismos arábicos e em algarismos romanos.

1 = I	11 = XI
2 = II	12 = XII
3 = III	13 = XIII
4 = IV	14 = XIV
5 = V	15 = XV
6 = VI	16 = XVI
7 = VII	17 = XVII
8 = VIII	18 = XVIII
9 = IX	19 = XIX
10 = X	20 = XX

Veja exemplos de quando começa e termina cada século.

- O século I vai do nascimento de Cristo ao ano 100.
- O século II vai do ano 101 ao ano 200.
- O século III vai do ano 201 ao ano 300.

- 1.** Sobre o calendário mais usado no Brasil, responda em seu caderno.
- a) Qual é a data usada nesse calendário para dar início à contagem do tempo? *O nascimento de Cristo.*
- b) Como esse calendário divide o tempo? *Esse calendário divide o tempo em dia, semana, mês, ano, década (10 anos), século (100 anos) e milênio (1 000 anos).*
- 2.** Os números a seguir estão escritos em algarismos arábicos. Escreva-os em algarismos romanos em seu caderno:
- a) 3 III d) 9 IX g) 17 XVII
b) 5 V e) 13 XIII h) 19 XIX
c) 8 VIII f) 15 XV i) 21 XXI

- 3.** Os números a seguir estão escritos em algarismos romanos. Escreva em seu caderno os números correspondentes a eles na numeração usada por nós.

- | | |
|-------------|------------|
| a) III 3 | n) XIII 13 |
| b) XX 20 | o) IX 9 |
| c) VIII 8 | p) VII 7 |
| d) X 10 | q) XIV 14 |
| e) XVI 16 | r) XI 11 |
| f) I 1 | s) VI 6 |
| g) XIX 19 | t) XV 15 |
| h) XVII 17 | u) XXI 21 |
| i) II 2 | |
| j) IV 4 | |
| k) XVIII 18 | |
| l) XII 12 | |
| m) V 5 | |



+ATIVIDADES

1. Pesquise calendários de outros povos, como maias, pataxós, chineses, judeus, e escrevam um texto explicando como eles funcionam.

2. Escrevam um texto para o verbete **calendário**, contemplando diferentes tipos de calendário.

Para embasar a escrita, pode-se propor, além de uma pesquisa sobre o tema, a leitura de verbetes e a discussão sobre os textos do gênero textual verbete de enciclopédia infantil. Disponibilizar, para a pesquisa, textos, vídeos e imagens, entre outros materiais. Podem ser analisados verbetes do *site* BRITANNICA ESCOLA. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/>. Acesso em: 10 ago. 2021.

A escrita do verbete pode ser produzida em pequenos grupos, em duplas ou individualmente. Pode-se ilustrar o texto com imagens coletadas ou com ilustrações dos próprios estudantes.

A atividade pretende contribuir para o desenvolvimento da seguinte habilidade de Língua Portuguesa: (EF04LP22) Planejar e produzir, com certa autonomia, verbetes de enciclopédia infantil, digitais ou impressos, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/finalidade do texto.

SUGESTÃO ► PARA O ALUNO

VÍDEO. A HISTÓRIA dos números. Vídeo (9 min). Publicado pelo canal Vitória Vídeos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ntylzQWvzCA>. Acesso em: 11 jul. 2021.

O vídeo conta a história dos números.

▶ ENCAMINHAMENTO

Pode-se iniciar o trabalho com o tema perguntando aos alunos:

- Vocês sabem de algum acontecimento importante ocorrido antes do nascimento de Cristo?
- Vocês sabem o que é uma linha do tempo?

- Sabem para que ela serve?

Em seguida, sugere-se:

- Apresentar a noção de linha do tempo.
- Esclarecer que no calendário cristão há os fatos ocorridos antes e depois de Cristo.
- Explicar por que o calendário ocidental tem como marco inicial o nascimento de Cristo.

+ ATIVIDADES

Construam uma linha do tempo mostrando a evolução dos brinquedos.

GESTÃO ▶ PARA O ALUNO

PROF. LIMA, Cláudia de Castro. **Linha do tempo**. São Paulo: Panda Books, 2018.

A jornalista Cláudia de Castro Lima pesquisou e catalogou centenas de informações curiosas sobre invenções, organizando-as em linhas do tempo, desde os tempos de Cristo até a atualidade. Você pode descobrir, por exemplo, que o primeiro pneu, patenteado em 1845, era feito de couro.



ANTES E DEPOIS DE CRISTO

O calendário cristão conta o tempo a partir do nascimento de Jesus Cristo. Nós adotamos esse calendário. Para nós, portanto, há os fatos ocorridos antes e depois de Cristo nascer.

Quando nos referimos a acontecimentos anteriores ao nascimento de Cristo, ao lado da data colocamos a abreviatura **a.C.** Já nas datas dos fatos ocorridos depois de Cristo, não é necessário colocar a abreviatura **d.C.** Informa-se apenas o ano.



▲ Os chineses utilizaram a roda (3500 a.C.) para inventar o carro de mão. O uso do carro de mão tornou possível o transporte de cargas pesadas. Muito tempo depois, a roda foi usada para fazer o automóvel.

LINHA DO TEMPO

Para representar e ordenar os fatos numa sequência cronológica, utiliza-se a linha do tempo. Essa linha pode ser construída usando-se qualquer unidade de tempo: anos, décadas, séculos.

Fatos importantes ocorridos antes de Cristo



18

TEXTO DE APOIO

No seu tempo havia dinossauros?

O ensino e a aprendizagem de História, em todos os níveis, não podem prescindir da noção de tempo/temporalidade e isto vale também para crianças de 6 a 11 anos. Ela é fundamental para a compreensão da historicidade, ou seja, das transformações de uma sociedade em suas múltiplas dimensões. Nesse nível de ensino, os alunos trabalham com a noção de tempo histórico em suas dimensões de presente, passado e futuro associadas à anterioridade, posterioridade, simultaneidade, abordadas inicial-

mente na dimensão cotidiana para, depois, ampliarem-se em períodos mais longos. A dimensão temporal será útil para o estudo de permanências e mudanças, as quais constituem o objeto mesmo do conhecimento histórico.

MALATIAN, Teresa. **Quanto tempo o tempo tem?** Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/46185/1/01d21t02.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2021.

1. Resposta pessoal. A seguir, apresentamos dois exemplos possíveis: exemplo 1 – ano em que a família se mudou; exemplo 2 – ano de nascimento do irmão mais velho.

- Agora você vai construir, no caderno, uma linha do tempo com os fatos importantes da sua família antes e depois do seu nascimento.

1. Escreva dois fatos importantes para sua família antes do seu nascimento e o ano em que eles ocorreram.

2. Escreva dois fatos importantes ocorridos depois do seu nascimento e o ano em que eles ocorreram.

2. Exemplo 1: aniversário de 5 anos. Exemplo 2: ano de ingresso no Ensino Fundamental.

3. Coloque as informações na linha do tempo. Não se esqueça de colocar o ano do seu nascimento.

3. Produção pessoal.

DIALOGANDO

Que outro fato importante ocorreu no ano de seu nascimento?

Resposta pessoal.

Fatos importantes ocorridos na família

Meu nascimento

EDITORIA DE ARTE

VÍDEO-MINUTO

Grave um vídeo-minuto contando um pouco sobre os fatos importantes para sua família ocorridos antes e depois do seu nascimento.

- Ensaie o que vai dizer.
- Calcule o tempo.
- Grave o vídeo.
- Se ficou com mais de um minuto, regrave.

Produção pessoal.

Fatos importantes ocorridos depois de Cristo

de Cristo

1906

Invenção do avião

2011

Criação da smart TV

2020

Primeira pessoa vacinada contra o SARS-CoV-2, causador da Covid-19

▲ Linhas ilustrativas sem escala, que obedecem apenas à ordem cronológica.

19

► ENCAMINHAMENTO

Professor, na atividade de construção da linha do tempo dos acontecimentos da família dos alunos, é possível sugerir que eles utilizem fotografias ou produzam desenhos para ilustrar os acontecimentos.

+ATIVIDADES

1. Solicitar aos estudantes que conversem com seus familiares e perguntem se houve algum fato ocorrido com eles que tenha se tornado uma história repetida com frequência.

Orientar os estudantes a registrar, após ouvir o relato verbal, o fato em forma de texto. O texto deverá ser ilustrado com fotos da criança ou com imagens do acontecimento. As histórias podem ser compiladas em um “livro da turma”, que ficará na sala de aula para que os estudantes possam ler e apreciar.

2. Leia o texto a seguir:

O que seria de nós sem eles?

Olhe à sua volta. Pense em tudo o que você já aprendeu e responda: qual é a invenção mais importante de toda a história da humanidade? O computador? A televisão? Em meio a tantas descobertas, é bem complicado definir aquelas que são as mais importantes, não é?

Mas qual a importância de uma invenção? Melhorar a vida do ser humano? Torná-la mais confortável? Como é muito difícil responder a essa pergunta [...]. Então, que tal fazer sua própria lista, com as maiores invenções da humanidade na sua opinião?

O QUE SERIA de nós sem eles? **Ciência hoje das crianças**. Disponível em: <http://chc.org.br/o-que-seria-de-nos-sem-eles/>. Acesso em: 11 jul. 2021.

3. Pesquisem invenções da história da humanidade. Produzam um texto sobre a invenção pesquisada, explicando o motivo da escolha e qual a importância dela para a humanidade.

A atividade pretende contribuir para o desenvolvimento das seguintes habilidades de Língua Portuguesa: (EF35LP25) Criar narrativas ficcionais, com certa autonomia, utilizando detalhes descritivos, sequências de eventos e imagens apropriadas para sustentar o sentido do texto, e marcadores de tempo, espaço e de fala de personagens.

BNCC

▶ HABILIDADES

(EF04HI02) Identificar mudanças e permanências ao longo do tempo, discutindo os sentidos dos grandes marcos da história da humanidade (nomadismo, desenvolvimento da agricultura e do pastoreio, criação da indústria etc.).

(EF04HI04) Identificar as relações entre os indivíduos e a natureza e discutir o significado do nomadismo e da fixação das primeiras comunidades humanas.

ROTEIRO DE AULA

Para iniciar o trabalho com o tema, pode-se perguntar aos alunos:

- Como os responsáveis por você fazem para conseguir alimento?
- Como os seres humanos faziam para sobreviver no passado distante, como os caçadores e coletores?

Em seguida, como encaminhamento, sugere-se:

1. Identificar que um dos maiores desafios da humanidade sempre foi conseguir abrigo e alimento.

2. Caracterizar o modo de vida dos caçadores e coletores.

3. Destacar a importância do arco e da flecha para a sobrevivência dos caçadores e coletores.

4. Construir o conceito de nomadismo.

5. Construir o conceito de nomadismo.

Professor, na seção **Dialogando**, aproveitar para comentar que, com a sedentarização, o nomadismo não desapareceu. Ele ainda se faz presente entre alguns povos do mundo atual. Entre esses povos estão os beduínos, povos da Península Arábica, os banjara, na Índia, e vários grupos ciganos.

A VIDA NOS PRIMEIROS TEMPOS

Durante muito tempo, os seres humanos viveram da caça, da pesca e da coleta de frutos, sementes, raízes e folhas. Por isso, ficaram conhecidos como **caçadores e coletores**.

CAÇADORES E COLETORES

Os caçadores e coletores eram **nômades**, ou seja, não tinham moradia fixa. Quando a caça, a pesca ou a coleta diminuía, se mudavam de um lugar para outro em busca de alimento: pequenos animais, peixes, frutos e folhas, entre outros. Ou seja, praticavam o **nomadismo**.

Para fazer seus instrumentos de trabalho, eles batiam pedras duras contra pedras menos resistentes até conseguirem pedras cortantes. Daí o longo período que eles viveram ser chamado de **Paleolítico**, pedra antiga ou lascada. Para fazer seus instrumentos, usavam também ossos. Com esses instrumentos, arrancavam raízes da terra, coletavam frutos, preparavam armadilhas, caçavam animais, faziam roupas, redes de pesca e pescavam.

Paleolítico: período da história da humanidade que vai de cerca de 2 milhões de anos atrás até cerca de 10 mil a.C.

DIALOGANDO

Tente responder: Continua havendo povos nômades no mundo atual? **Sim**.

MOZART COSTA



▼ O uso do arco e da flecha permitia ao caçador acertar o animal de longe, como nessa ilustração, em que um caçador enfrenta um tigre-dentes-de-sabre.

20

SUGESTÃO ▶ PARA O PROFESSOR

VÍDEO. OS CAÇADORES e coletores. Vídeo (26min3s). Publicado pelo canal Vio-mundo. Disponível em: <https://vimeo.com/41053917>. Acesso em: 12 jul. 2021.

O vídeo mostra dois povos africanos: os mbuti, da República Democrática do Congo, e os san, da Namíbia, que ainda vivem da coleta e da caça.

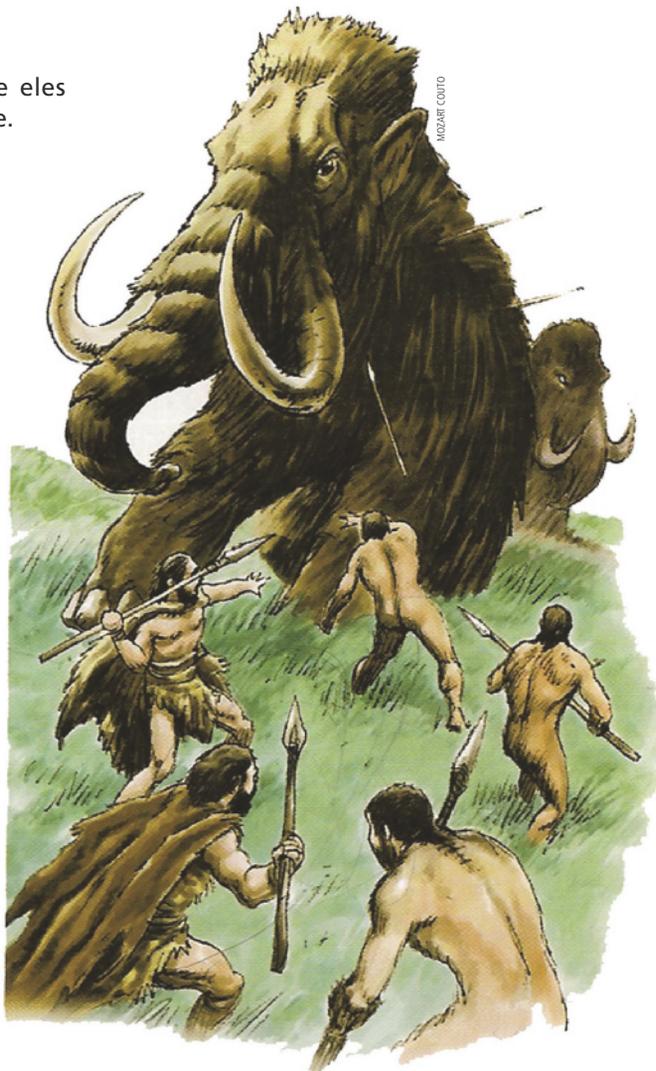
+ATIVIDADES

1. Com ajuda do professor de Arte, construam réplicas dos instrumentos de trabalho citados no texto e fotografem essas réplicas.

Professor, caso não seja possível realizar a atividade com réplica, sugere-se a criação de uma ilustração.

2. Escrevam um verbete sobre um instrumento de trabalho do campo (enxada, machado ou outro), ilustrando o texto com as imagens coletadas ou produzidas.

Entre os animais que eles caçavam estava o mamute.



O mamute era bem aproveitado. ▶ Sua carne servia como alimento, seus ossos serviam como arma, sua pele era usada para a confecção de roupas e para cobrir as cabanas. As armadilhas eram jaulas de madeira ou fossos cobertos de galhos e plantas.

1. Procure no dicionário e escreva no caderno o significado de:

- a) Coletar. Fazer coleta de; colher, recolher, juntar.
- b) Caçar. Perseguir (animais silvestres) para aprisionar e/ou matar; fazer caçada, andar à caça.
- c) Nômade. Que não tem habitação fixa, que vive permanentemente mudando de lugar.

2. Aponte duas características da vida dos seres humanos no período em que eles foram denominados caçadores e coletores.

Entre as características dos seres humanos no período, podemos destacar: 1) eles viviam da caça, da pesca e da coleta de alimentos; 2) faziam instrumentos de trabalho lascando pedras; 3) eram nômades.

21

SUGESTÃO ▶ PARA O ALUNO

LIVRO. ONO, Mari; TAKAI, Hiroaki. **Origami para crianças: dinossauros e animais pré-históricos.** São Paulo: Publifolha, 2015.

Livro que ensina origami para crianças.



TEXTO DE APOIO

Caçadores-coletores

Os primeiros povoadores do nosso território usaram artefatos de materiais resistentes como pedras e ossos ao lado de outros que se deterioraram rapidamente, como madeira e fibras vegetais. No entanto, só os utensílios feitos de pedras chegaram até hoje e incluem pontas de projéteis para caçar e outros instrumentos para lascas, gravar, talhar, cortar e furar

A partir dessas evidências, a Arqueologia busca reconstituir a vida dos antigos habitantes. Eles tinham grande conhecimento do meio ambiente, controlavam o litoral, recolhendo plantas e frutas (como coqueiros, licuri, pequi etc.) e caçando pequenos animais para servir de alimento, para fins medicinais ou para fins estéticos. Eram hábeis caçadores, pois vestígios de animais de pequeno e grande porte (como veados e antas) foram encontrados em sítios arqueológicos mais antigos, ao lado de restos arqueobotânicos de frutos e sementes. Mas não há evidência de que a megafauna (preguiça-gigante e outros) tenha sido a base de sua dieta. O conjunto das evidências sugere que os primeiros caçadores-coletores do Brasil, que habitaram a região Amazônica, possuíam uma dieta diversificada de amplo espectro. [...]

MUSEU NACIONAL. **Arqueologia brasileira: caçadores-coletores.** Disponível em: <https://www.museunacional.ufrj.br/guiaMN/Guia/paginas/7/cacadorescolet.htm>. Acesso em: 13 jul. 2021.

► ENCAMINHAMENTO

Pode-se introduzir o assunto fazendo as seguintes perguntas norteadoras:

- Para que serve o fogo?
- Como seria a nossa vida sem o fogo?
- Como era a vida dos homens antes da descoberta do fogo?

Em seguida, sugere-se:

- Destacar a importância bem como as consequências da descoberta do fogo para os primeiros grupos humanos.
- Chamar a atenção para as duas imagens que mostram duas formas diferentes de produzir fogo e comparar com o modo como se obtém o fogo nos dias atuais.

SUGESTÃO ► PARA A FAMÍLIA

FILME. OS CROODS. Direção: Chris Sanders, Kirk De Micco. Estados Unidos: DreamWorks Animation. 2013. DVD (98 min).

aventura na época da pré-história com uma divertida família.

ATIVIDADES

Propor aos estudantes que recriem o texto da página em outro gênero atual. No caso, eles deverão redigir uma notícia sobre a descoberta do fogo. Auxilie-os no exercício, ressaltando que se trata de um texto ficcional, uma vez que não havia jornais na época. Se achar oportuno, proponha, antes da escrita, a análise de algumas notícias para que os estudantes conheçam ou relembrem as características dos textos do gênero.

A atividade pode contribuir no desenvolvimento da seguinte habilidade de Língua Portuguesa: (EF04LP16) Produzir notícias sobre fatos ocorridos no universo escolar, digitais ou impressas, para o jornal da escola, noticiando os fatos e seus atores e comentando decorrências, de acordo com as convenções do gênero notícia e considerando a situação comunicativa e o tema/ assunto do texto.

TEXTO DE APOIO

O domínio do fogo

Desde a antiguidade, o fogo deixa a humanidade com a pulga atrás da orelha. Como um elemento difícil

O DOMÍNIO DO FOGO

Os caçadores e coletores enfrentaram vários desafios para sobreviver: o frio, os animais perigosos ou **peçonhentos**, as chuvas torrenciais, o sol intenso, entre outros. Tudo isso era uma ameaça à existência humana na Terra. Até que, por volta de 500 mil anos a.C., descobriram como produzir o fogo. A partir dessa descoberta puderam:

Peçonhento: venenoso.

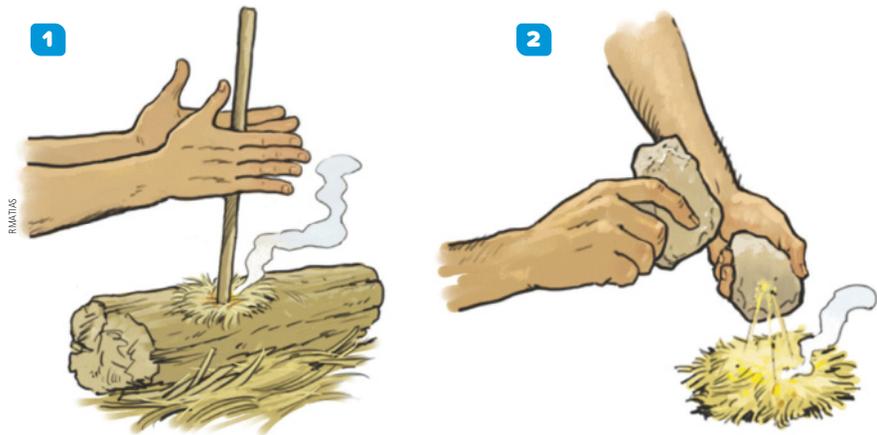
- aquecer seus corpos;
- ter luz à noite;
- defender-se de animais;
- assar ou cozinhar a carne.

A carne assada ou cozida torna-se mais saborosa e de fácil digestão. Qual a vantagem de comer a carne assada?

DIALOGANDO

Na época, eles produziam fogo de duas maneiras:

- Girando um bastão bem depressa dentro de uma cavidade de madeira (figura 1). O atrito produzia uma faísca com a qual se acendia um punhado de palha já deixado por perto.
- Batendo uma pedra contra a outra para conseguir a faísca e produzir o fogo (figura 2).



- Por volta de 500 mil anos a.C. os seres humanos descobriram como produzir o fogo.

1. Faça um desenho no caderno que ilustre uma situação de mudança na vida dos seres humanos a partir da descoberta do fogo, naquela época.

Produção pessoal.

2. Escreva no caderno uma breve explicação sobre a importância do fogo para o desenvolvimento dos seres humanos.

O domínio do fogo revolucionou a vida dos seres humanos. Graças a ele, homens e mulheres puderam defender-se de animais, ter iluminação à noite, se aquecer do frio e, sobretudo, se alimentar melhor; as carnes cozidas ficavam mais macias e digestíveis.

22

de explicar – e que não pode ser tocado – é capaz de assar comida, nos aquecer e até destruir áreas florestais gigantescas [...].

O fogo pode surgir sem a intervenção humana, quando um raio cai em uma floresta seca ou mesmo pela ação de um vulcão. Antes de o homem aprender a dominá-lo, precisava esperar os fenômenos naturais para conseguir fogo. Essa é também a causa de muitos incêndios florestais.

Quando o homem aprendeu a acender uma fogueira, ganhou um aliado para manter o corpo aquecido em cli-

mas frios, afastar animais predadores e preparar alimentos, tornando-os mais saborosos e saudáveis. Não há um consenso na comunidade científica de quando isso aconteceu – algumas pesquisas sugerem que teria sido há 400 mil anos, outros há mais de 1 milhão. [...]

ALMEIDA, Carla; KRAUSE, Maggi; BERNARDO, Nairim. O domínio do fogo. **Nova Escola**, ago. 2017, ed. 304. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/8997/o-dominio-do-fogo>. Acesso em: 13 jul. 2021.

O poema a seguir foi escrito por Marivaldo Teixeira. Leia-o com atenção.

“Nossos ancestrais”

Quero começar falando
Dos nossos antepassados,
De um tempo bem diferente
Dos tempos sofisticados.
Na mata o homem morava,
Dela se alimentava,
Com os frutos adocicados.
[...]
Por carência e por acaso,
Nosso ancestral descobriu,
Batendo pedra com pedra
Uma fagulha surgiu,
Começaram cozinhar.
Dessa forma singular
O invento se expandiu.
[...]
Hoje, pra vida da gente,
Tem muita invenção moderna,
Mas tudo começou lá
No ancestral da caverna,
[...]

Marivaldo Teixeira. **O homem pré-histórico.**
Disponível em: http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura_de_Cordel_C0001_a_C7176?pagfis=86481. Acesso em: 14 jun. 2021.



MOZART COUHO

1. De que grupos humanos o autor está falando na primeira estrofe?
Dos grupos de caçadores e coletores que sobreviviam da caça de animais e da coleta de frutos.
2. Escreva em seu caderno a alternativa correta. Ao dizer “tempos sofisticados”, o autor está se referindo: **Alternativa c.**
 - a) aos tempos muito antigos.
 - b) aos tempos antigos.
 - c) aos tempos atuais.
 - d) aos tempos futuros.
3. Ele está falando sobre a invenção do fogo. Uma das técnicas desenvolvidas pelos seres humanos foi a de bater uma pedra contra a outra para conseguir a faísca e produzir fogo.
4. Encontre no texto e escreva no caderno o sinônimo de “ancestrais”.
Antepassados.

► ENCAMINHAMENTO

Orientar os estudantes a realizar a leitura individual do poema e fazer os seguintes registros: circular palavras desconhecidas; descrever sentimentos que tiveram ao ler; escrever palavras em que pensaram durante a leitura (estabelecimento de relações); redigir perguntas sobre o que não entenderam.

Após essa primeira leitura, e de posse dos registros, promova uma conversa literária, de forma a construir os sentidos do texto. Alguns questionamentos podem auxiliar no desenvolvimento dessa conversa:

- Qual é a temática do poema?
- Que sentimentos tiveram ao ler o poema?
- Que relações construíram entre o poema e as temáticas discutidas em aulas anteriores?
- Qual a importância de conhecermos nossos ancestrais, seus modos de vida, suas descobertas?

A leitura do poema possibilita o desenvolvimento das seguintes habilidades de Língua Portuguesa: (EF35LP27) Ler e compreender, com certa autonomia, textos em versos, explorando rimas, sons e jogos de palavras, imagens poéticas (sentidos figurados) e recursos visuais e sonoros.

► ENCAMINHAMENTO

Para dar início a uma aula dialogada, perguntar aos alunos:

- Vocês costumam comer frutas e legumes?
- Vocês sabem onde e como são produzidos?
- Vocês têm animal doméstico?
- Sabiam que a domesticação de animais ocorreu há muito tempo?
- O que será que mudou na vida dos seres humanos com o desenvolvimento da agricultura e do pastoreio?

Em seguida, sugere-se:

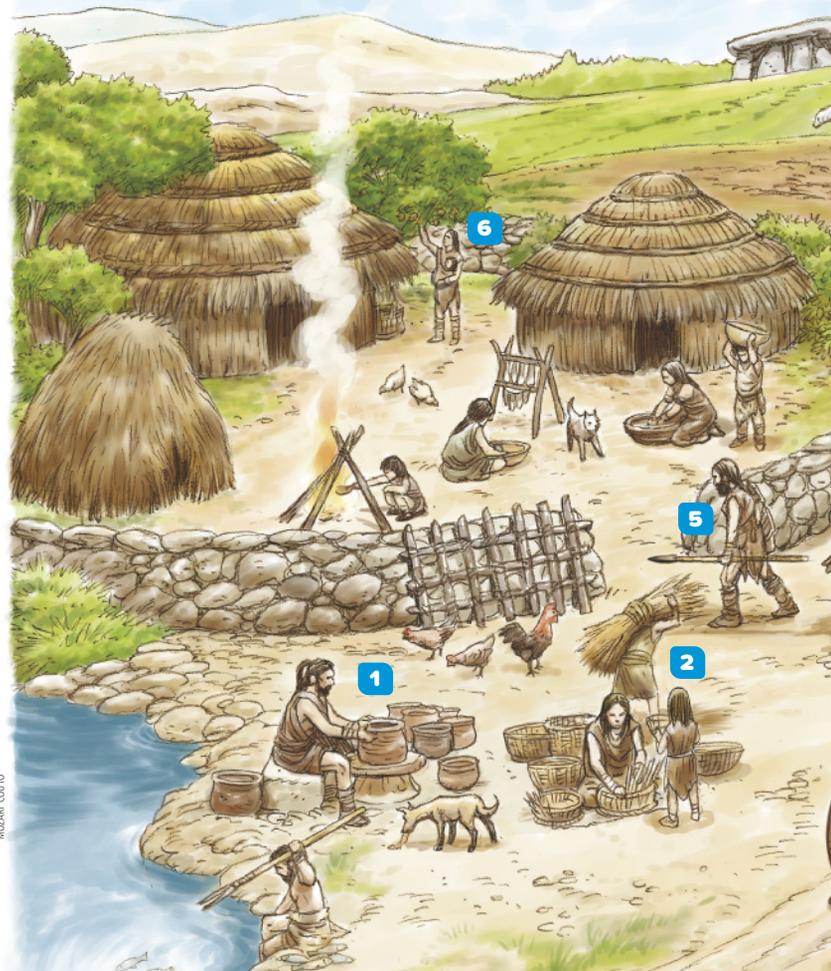
- Explicar a mudança climática ocorrida por volta de 10 000 a.C. e suas consequências para os grupos humanos.
- Relacionar o advento da agricultura com o processo de sedentarização.
- Evidenciar o impacto da agricultura e do pastoreio para as sociedades humanas.

AGRICULTORES E PASTORES

Por volta de 10 000 a.C., a Terra passou por uma grande mudança climática. As temperaturas se elevaram e as camadas de gelo que cobriam parte da superfície terrestre recuaram. Os animais acostumados a climas frios, como os mamutes, desapareceram. A oferta de carne diminuiu. Aumentou, então, a busca por outros alimentos.

Durante esse processo, os grupos humanos começaram a ficar mais tempo onde era fácil obter água; perto dos rios, por exemplo. Ali, além da água, obtinham peixes e caçavam animais que iam matar a fome.

Nas beiras dos rios, nas terras umedecidas pelas chuvas, começaram também a plantar, colher e criar animais como cabras, ovelhas e bois. Por isso, esses grupos são conhecidos como agricultores e pastores.



24

TEXTO DE APOIO

O neolítico e a aparição do cultivo e da criação

Há aproximadamente 12.000 anos começa a se desenvolver um novo processo de fabricação de instrumentos, o polimento da pedra. Essa novidade inaugura o último período da Pré-história, o neolítico. Este se prolongará até o aparecimento da escrita e da metalurgia. Além dos machados e enxadas que podem

fabricar-se pelo polimento de todos os tipos de pedras duras e passíveis de serem afiadas várias vezes, essa época é marcada por outras inovações revolucionárias, como a construção de moradias duráveis, a cerâmica de argila cozida e os primeiros desenvolvimentos da agricultura e da criação.

Entre 10.000 e 5.000 anos de nossa Era, algumas dessas sociedades neolíticas tinham, com efeito, começado a semear plantas e manter animais em cativeiro, com vistas a multiplicá-los e utilizar-se

de seus produtos. Nessa mesma época, após algum tempo, essas plantas e esses animais especialmente escolhidos e explorados foram domesticados e, dessa forma, essas sociedades de predadores se transformaram por si mesmas, paulatinamente, em sociedades de cultivadores. [...]

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Lawrence. **História das agriculturas no mundo**: do neolítico à crise contemporânea. Tradução de Cláudia F. Falluh Balduino Ferreira. São Paulo: Ed. da Unesp; Brasília, DF: NEAD, 2010.

AGRICULTURA E SEDENTARIZAÇÃO

A prática da agricultura e do pastoreio favoreceu uma série de mudanças, como:

- a **sedentarização**: sobrevivendo do cultivo e do pastoreio, os seres humanos passaram a produzir seu próprio alimento e não precisavam mais mudar constantemente de lugar. Assim, num processo que durou centenas de anos, foram deixando de ser nômades e se sedentarizando; ou seja, foram se fixando em um determinado lugar.

É importante saber, no entanto, que o processo de sedentarização não aconteceu em todos os lugares da Terra ao mesmo tempo. Foi um processo longo e até hoje existem grupos nômades.

- a **difusão da cerâmica** (barro modelado e cozido): com a prática da agricultura, os grupos humanos passaram a necessitar de recipientes em que pudessem cozinhar, armazenar e transportar cereais. A cerâmica veio atender a essa necessidade, sendo usada para fazer panelas, vasos, jarros, entre outros.

Alimentando-se melhor, a população cresceu, pois aumentou o número de nascidos e as pessoas passaram a viver mais tempo.

1. Artesão modelando barro.
2. Artesã produzindo cestos.
3. Uso de animais no transporte de cargas.
4. Ordenha de animais para obtenção de leite.
5. Caçador.
6. Coleta de frutas para alimentação de seres humanos e animais.
7. Agricultores arando o solo.
8. Pastoreio do gado.

► ENCAMINHAMENTO

- Analisar as mudanças decorrentes do desenvolvimento da agricultura e do pastoreio.
- Alertar para o fato de que o processo de sedentarização não aconteceu em todos os lugares ao mesmo tempo.
- Trabalhar o processo de sedentarização.
- Diferenciar nomadismo de sedentarismo.
- Trazer para a sala objetos de cerâmica para os alunos manusearem.
- Estimular a reflexão acerca do crescimento populacional decorrente do processo de sedentarização.
- Relacionar o advento da agricultura à melhoria na alimentação e aumento de população.

Professor, estudos recentes mostram que a agricultura acelerou o processo de sedentarização, mas não foi sua única causa. Comentar que em História a explicação é multifatorial.

+ATIVIDADES

1. Propor aos estudantes que busquem em casa objetos feitos em cerâmica. Solicitar que fotografem o objeto ou façam uma ilustração dele e tragam para a sala de aula.

TEXTO DE APOIO

A origem da cerâmica

Coeva do fogo, a cerâmica – do grego kéramos, ou “terra queimada” – é um material de imensa resistência, sendo frequentemente encontrado em escavações arqueológicas. Assim, a cerâmica vem acompanhando a história do homem, deixando pistas sobre civilizações e culturas que existiram há milhares de anos antes da Era Cristã. [...]

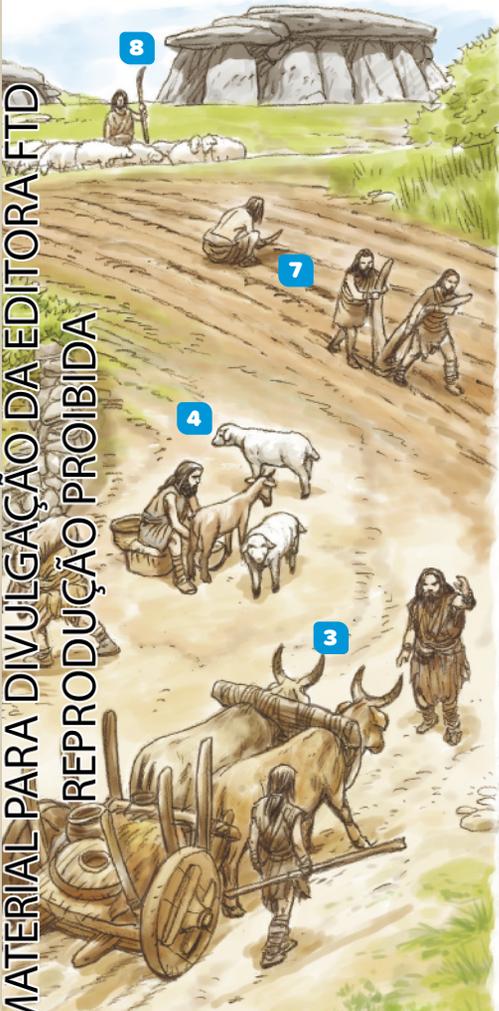
Estudiosos confirmam ser, realmente, a cerâmica a mais antiga das indústrias. Ela nasceu no momento em que o homem começou a utilizar-se do barro

endurecido pelo fogo. Desse processo de endurecimento, obtido casualmente, multiplicou-se. A cerâmica passou a substituir a pedra trabalhada, a madeira e mesmo as vasilhas (utensílios domésticos) feitas de frutos como o coco ou a casca de certas cucurbitáceas (porongos, cabaças e catutos). As primeiras cerâmicas de que se tem notícia são da Pré-História: vasos de barro, sem asa, que tinham cor de argila natural ou eram enegrecidas por óxidos de ferro. [...]

As artes cerâmicas moldam minerais das entranhas da terra (metais, barro, argila, areia etc.) dando origem a utensílios, peças ornamentais, urnas fune-

rárias e os mais variados produtos da imaginação do homem. [...] Hoje, além de sua utilização como matéria-prima de diversos instrumentos domésticos, da construção civil e como material plástico nas mãos dos artistas, a cerâmica é também utilizada na tecnologia de ponta, mais especificamente na fabricação de componentes de foguetes espaciais, justamente devido a sua durabilidade.

ESCOLA DE BELAS ARTES. **Introdução**: a origem da cerâmica. Disponível em: <https://www.eba.ufmg.br/alunos/kurtnavigator/arteartesanato/origem.html>. Acesso em: 13 jul. 2021.



VOCÊ LEITOR!

► **ENCAMINHAMENTO**

Orientar os estudantes a realizar a leitura individual do poema e a fazer os seguintes registros: circular palavras desconhecidas; descrever sentimentos que tiveram ao ler; escrever palavras em que pensaram durante a leitura (estabelecimento de relações); redigir perguntas sobre o que não entenderam.

Após essa primeira leitura, e de posse dos registros, promover uma conversa literária, de modo a construir os sentidos do texto. Alguns questionamentos podem auxiliar no desenvolvimento dessa conversa:

- Qual é a temática do poema?
- Qual é o gênero do texto? (**Professor**, auxiliar os estudantes a diferenciar poema de cordel, evidenciando o aspecto “cantado” do cordel).
- Que alimentos fazem parte do dia a dia?
- Que relações podemos estabelecer entre o poema e a temática trabalhada nas aulas anteriores?

VOCÊ LEITOR!

O trecho do cordel a seguir é do poeta pernambucano Josué Moreno.



▲ Melancia.



▲ Cenoura.



▲ Pimentão.



▲ Milho-verde.



▲ Caju.



▲ Mandioca.

Temos uma terra rica
Que além do milho e feijão
Produz mandioca e melancia
Cebola, coentro e pimentão
Tudo que se planta nasce
Cenoura, batata e alface
Pinha, caju e melão.

Citei só alguns produtos
Pra mostrar nossa riqueza
Com tantos produtos juntos
É uma imensa beleza
Isso é que é fartura
Se não fosse a agricultura
Nada disso vinha à mesa.
[...]

No tema meio ambiente
Eu não tenho formatura
Mais a natureza ensina
Isso é verdade pura
O que estou escrevendo
Foi vivendo e aprendendo
Dentro da agricultura

Josué Moreno. **Agroecologia e meio ambiente**. Literatura de cordel. Disponível em: https://kapixawa.files.wordpress.com/2011/12/cordel_agroecologia_e_meio_ambiente1.pdf. Acesso em: 14 jun. 2021.

TEXTO DE APOIO

Literatura de cordel

A literatura de cordel é uma poesia folclórica e popular com raízes no Nordeste do Brasil. Consiste, basicamente, em longos poemas narrativos, chamados “romances” ou “histórias”, impressos em folhetins ou panfletos de 32 ou, raramente, 64 páginas, que falam de amores, sofrimentos ou aventuras, num discurso heroico de ficção. [...] Assim, o cordel tem características tanto populares quanto folclóricas, ou seja, é um meio impresso, com autoria designada, consumida por um número expressivo

de leitores numa área geográfica ampla, enquanto exhibe métricas, temas e performance da tradição oral. Além disso, conta com a participação direta do público, como plateia.

[...]

Nos poemas que tratam de acontecidos do dia, cumpre também uma função de comunicação folclórico-popular: reporta eventos de sua própria comunidade e região, opina sobre eles e leva para o consumidor local, recodificadas, as mensagens de uma cultura nacional de massa. [...]

CURRAN, Mark. **História do Brasil em cordel**. São Paulo: Edusp, 2009. p. 17-18.



1. A que terra o autor está se referindo quando diz: “temos uma terra rica”?
À terra do lugar onde ele vive: Pernambuco.
2. Com que intenção o autor cita a variedade de gêneros agrícolas produzidos em sua terra? Para comprovar a riqueza de sua terra, onde “tudo que se planta nasce”.
3. É possível dizer que o autor valoriza a agricultura? Justifique.
Sim; ele a valoriza quando afirma “Se não fosse a agricultura, nada disso vinha à mesa”.
4. Interprete e copie a resposta correta no caderno. O autor afirma que ele aprendeu o que sabe: Alternativa c.
 - a) na universidade.
 - b) na indústria.
 - c) na agricultura.
 - d) no comércio.
5. Escreva em seu caderno a alternativa correta com base no que você estudou. Alternativa b.
 - a) A descoberta da cerâmica não tem nenhuma relação com o desenvolvimento da agricultura.
 - b) O desenvolvimento da agricultura aumentou a produção de alimentos e favoreceu a sedentarização dos seres humanos.
 - c) Com o aumento da produção de alimentos, a população aumentou e as pessoas passaram a viver menos.
 - d) O desenvolvimento da agricultura foi mais favorável aos homens do que às mulheres.

ESCUTAR E FALAR

Com base no que vocês aprenderam, apresentem para a classe como se deu o processo de sedentarização dos grupos humanos na história. Respostas pessoais.

- Como os seres humanos viviam?
- O que levou ao processo de sedentarização?
- A convivência entre sedentarismo e nomadismo nos dias atuais.

Autoavaliação. Responda no caderno.

1. Os colegas conseguiram escutar o que eu disse?
2. Consegui contribuir com os colegas?

27

TEXTO DE APOIO

A história da agricultura

Há cerca de doze mil anos, durante a Pré-história, alguns indivíduos de povos caçadores-coletores notaram que alguns grãos que eram coletados da natureza para a sua alimentação poderiam ser enterrados, isto é, “semeados” a fim de produzir novas plantas iguais às que os originaram.

Como é anterior à história escrita, os primórdios da agricultura são obscuros, mas admite-se que ela tenha surgido independentemente em diferentes lugares do mundo, provavelmente nos

vales e várzeas fluviais habitados por antigas civilizações. [...]

Há registros de cultivos em pelo menos três regiões diferentes do mundo em épocas distintas: Mesopotâmia (possivelmente pela cultura Natufiana), América Central (pelas culturas pré-colombianas) e nas bacias hidrográficas da China e da Índia.

[...]

A agricultura permite a existência de aglomerados humanos com muito maior densidade populacional que os que podem ser suportados pela caça e coleta. Houve uma transição gradual na qual a economia de caça e coleta

BNCC

► HABILIDADE

(EF04HI02) Identificar mudanças e permanências ao longo do tempo, discutindo os sentidos dos grandes marcos da história da humanidade (nomadismo, desenvolvimento da agricultura e do pastoreio, criação da indústria etc.

► ENCAMINHAMENTO

Professor, na **atividade 1**, os alunos devem inferir que a terra a que o poeta se refere é Pernambuco. Se julgar conveniente, explicar que ele é do município de Serra Talhada.

As atividades desta página ajudam no desenvolvimento da seguinte habilidade: (EF04HI02).

coexistiu com a economia agrícola: algumas culturas eram deliberadamente plantadas e outros alimentos eram obtidos da natureza.

Além de alimentos para uso dos seres humanos e de seus animais de estimação, a agricultura produz mercadorias tão diferentes como flores e plantas ornamentais, fertilizantes orgânicos, produtos químicos industriais (látex e etanol), fibras (algodão, linho e cânhamo), combustíveis (madeira para lenha, etanol, metanol, biodiesel). [...]

A HISTÓRIA da agricultura. ITU, 24 de jul. 2009. Disponível em: http://www.itu.com.br/conteudo/detalhe.asp?cod_conteudo=19107. Acesso em: 13 jul. 2021.

▶ ENCAMINHAMENTO

Pode-se iniciar uma aula dialogada fazendo perguntas aos alunos:

- Existe na sala algum objeto feito de ferro? Olhem ao redor e tentem descobrir.
- Qual terá sido o primeiro metal trabalhado pelos seres humanos?
- Qual material é mais resistente: o cobre, o bronze ou o ferro?

Em seguida, sugere-se:

- Ajudar os alunos a formar a noção de cobre, bronze e ferro.
- Diferenciar esses três tipos de metais.
- Destacar a importância do desenvolvimento da metalurgia para os seres humanos.
- Comentar os diferentes usos desses metais pelos seres humanos na atualidade.

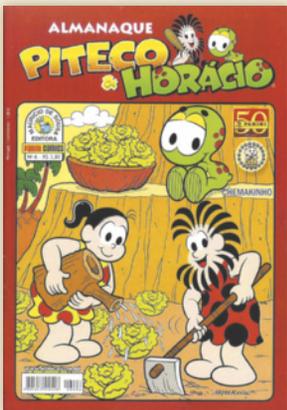
Estabelecer relação entre o processo de sedentarização e o desenvolvimento da metalurgia.

Evidenciar que os seres humanos, a partir do momento em que se fixaram e passaram a produzir seu próprio alimento, tiveram condições de se dedicar a outras atividades.

▶ ATIVIDADES

Leia o texto a seguir:

Piteco é uma das personagens criadas por Maurício de Sousa. Suas histórias em quadrinhos mostram o cotidiano dele e de sua turma no período da Idade da Pedra, na Pré-História. Na imagem abaixo vemos Piteco (homem das cavernas) à direita; Thuga (mulher das cavernas) à esquerda; e Horácio (dinossauro, filhote de Tiranossauro Rex), sentado logo acima.



© MAURÍCIO DE SOUSA EDITORA LTDA

O DESENVOLVIMENTO DA METALURGIA

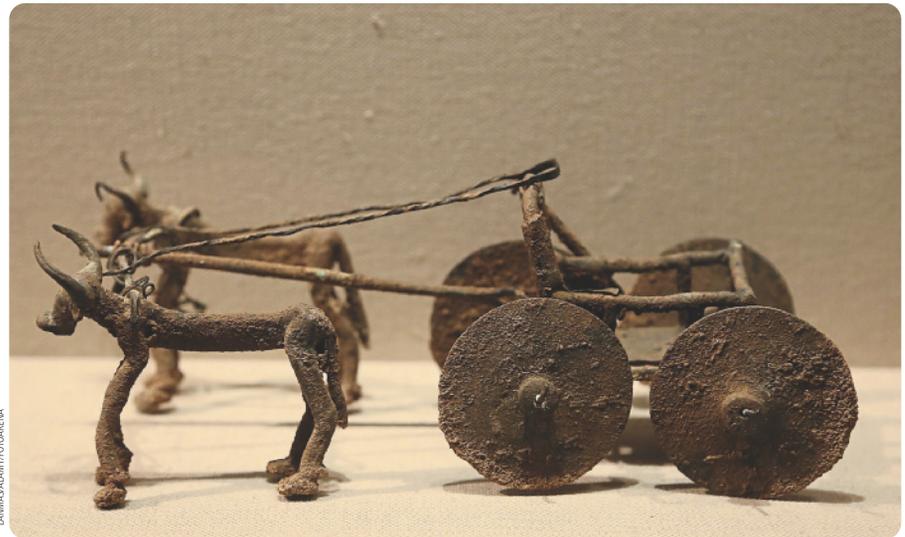
Por volta de 5000 a.C., os seres humanos desenvolveram a metalurgia, isto é, o trabalho com metais. O primeiro metal trabalhado foi o **cobre**, usado sobretudo para fazer utensílios, como potes e vasos, e enfeites, como colares e brincos. O cobre é maleável e moldado a frio, ou seja, sem o uso de forno.

Mas, por ser um metal mole, o cobre não podia ser usado na feitura de armas e ferramentas de trabalho como a pá e a enxada. Para suprir a necessidade de ter armas e ferramentas de trabalho mais resistentes, os seres humanos descobriram como fabricar o **bronze**, um metal mais duro e resistente que o cobre.



PETER HORREE/ALAMY/FOTARENA

▲ Capacete de bronze. Grécia, século VII a.C.



LAMASALAMY/FOTARENA

▲ Miniatura de carro puxado por bois em bronze. Anatólia, século XXV-XX a.C.

28

1. Observem a imagem ao lado e, com base nela, criem um texto descritivo sobre o que vocês estão vendo e a relação dessa cena com o aprendizado das páginas anteriores. Usem a criatividade.

2. Essa imagem se refere ao período paleolítico ou neolítico? Por quê?

Respostas:

1. Resposta pessoal.
2. Ao período neolítico, quando se desenvolveu a agricultura.

Professor, comentar a diferença entre uma imagem ficcional e uma imagem feita com base em pesquisas históricas. O instrumento que está sendo usado pela personagem dos quadrinhos regando a alface não existia na época.

Tempos depois, os seres humanos aprenderam a fundir o **ferro**, que, por sua vez, é mais resistente do que o bronze. A produção do ferro exigia um forno com temperatura alta e constante para o derretimento do minério.

Os povos que primeiro aprenderam a moldar o bronze e o ferro aperfeiçoaram seus instrumentos de guerra, como espadas e lanças, e seus instrumentos agrícolas, como pás e enxadas. E, ao aumentarem sua capacidade de guerrear e de produzir alimentos, garantiram sua sobrevivência e se tornaram mais fortes do que os grupos humanos que não sabiam trabalhar esses metais.

Observe os instrumentos a seguir.



METROPOLITAN MUSEUM OF ART, NEW YORK, USA

▲ **Panela de ferro.**
China, século XIII-XII a.C.



HERMANN HISTORICA GABRIEL/ISTOCKFOTOLIBRARY

▲ **Machado de ferro**
utilizado no Império Romano, entre os séculos I e II.



INTERFOTODARENA

◀ **Espada de bronze**, de cerca do século X a.C.



ALBUM / FOTODARENA

▶ **Espada de ferro.**
França, século XIII.

1. Qual das espadas retratadas acima é mais resistente?
Por quê?

A espada que é de ferro, material mais resistente que o bronze.

2. Que vantagens levaram os povos que primeiro desenvolveram a metalurgia do ferro?

Aperfeiçoaram seus instrumentos agrícolas e de guerra e, ao aumentarem sua capacidade de guerrear e de produzir alimentos, garantiram sua sobrevivência.

► ENCAMINHAMENTO

- Estimular os alunos a levantar hipóteses sobre a utilidade de cada um dos objetos fotografados.
- Associar o desenvolvimento da metalurgia aos grupos de agricultores e pastores.
- Trabalhar a ideia de que os povos que primeiro desenvolveram a metalurgia do ferro ganharam poder para manter e conquistar territórios.

SUGESTÕES ► PARA O ALUNO

VÍDEO. ESCULTOR de bronze. Vídeo (2min52s). Publicado pelo canal ivandrolucas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4mObhQaAcyg>. Acesso em: 13 jul. 2021.

Reportagem sobre o trabalho em bronze do escultor Ladislau Chary Filho, de Jaguariaíva (PR).

VÍDEO. NOS TRILHOS: Conheça a história da ponte de ferro de Igapó. (5min31s). Publicado pelo canal tvpontaneira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=teHKTbauqIU>. Acesso em: 13 jul. 2021.

Reportagem sobre a construção da ponte de ferro de Igapó, em Natal, no Rio Grande do Norte.

▶ HABILIDADE

(EF04HI01) Reconhecer a história como resultado da ação do ser humano no tempo e no espaço, com base na identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo

DIALOGANDO COM LÍNGUA PORTUGUESA

▶ ENCAMINHAMENTO

Professor, nas **atividades 1 a 6**, a leitura e a compreensão do texto são desenvolvidas por meio da seguinte habilidade de Língua Portuguesa: (EF15LP01) Identificar a função social de textos que circulam em campos da vida social dos quais participa cotidianamente (a casa, a rua, a comunidade, a escola) e nas mídias impressa, de massa e digital, conhecendo para que foram produzidos, onde circulam, quem os produziu e a quem se destinam.

Nas **atividades 1, 3 e 5**, são explorados os significados de palavras e expressões que podem ser descobertas dos estudantes. Investir no levantamento prévio de hipóteses e na consulta ao dicionário e fontes diversas, promover o compartilhamento das informações descobertas.

Na **atividade 1**, espera-se que os estudantes concluam que a menina mudou de uma cidade para outra.

A **atividade 2** explora questões de análise linguística/semiótica e de ortografia. Retomar com os estudantes as situações em que a letra maiúscula deve ser utilizada.

A **atividade 4** trata de localização de informações. Ressaltar a importância de voltar ao texto para localizar a resposta à questão proposta. Sugerir aos estudantes que usem procedimentos como anotar no caderno as informações durante a leitura para que fiquem mais visíveis quando forem estudar, buscar informações etc.

DIALOGANDO
COM LÍNGUA PORTUGUESA

Leia o texto a seguir.

Transplante de menina

A caminho do nosso destino [...] tivemos de passar pelo centro da cidade. E foi aí que eu tive a primeira visão de São Paulo, uma visão de impacto, que não esqueci mais. Guardo na memória, como um cartão postal grande e colorido, a Praça Ramos de Azevedo; o belo Anhangabaú, com seu parque e esculturas; o imponente Teatro Municipal, com sua elaborada arquitetura; o bonito Viaduto do Chá, com sua estrutura de gradis de ferro. [...]

Guardo também a lembrança do outro lado do viaduto que, por sinal era o lado mais importante, o verdadeiro centro nevrálgico — comercial e bancário — da cidade. Era o chamado “Triângulo”, formado pelas ruas Direita, São Bento e 15 de Novembro, entre as três grandes igrejas: a de São Francisco, com as arcadas da Faculdade de Direito ao lado; o Mosteiro de São Bento; e, naturalmente, a catedral da Praça da Sé, em plena construção. E que iria continuar em construção durante anos e anos ainda, sempre angariando fundos “para a construção das torres”.

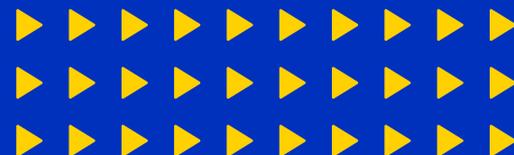
[...]

Hoje a Praça Ramos de Azevedo ainda é bonita, à sua maneira. Mas já não é a mesma. O jardim do Anhangabaú está maltratado, prédios altos rodeiam o Teatro Municipal diminuindo-o; o viaduto de concreto é mais moderno, mas não mais tão romântico como era o antigo. [...] E a praça toda está sempre literalmente entupida de ônibus, carros, gente e poluição. Não sei qual seria minha impressão, se eu fosse criança hoje e a visse pela primeira vez. Mas a impressão daquele primeiro dia, eu guardo na memória, com muito carinho.

Tatiana Belinky. **Transplante de menina**. São Paulo: Moderna, 2003. p. 75-76.



◀ Representação artística da fachada do Teatro Municipal de São Paulo (SP).



Esta é uma versão de pré-visualização do Manual do Professor

Você está visualizando apenas as primeiras páginas deste manual do professor.

A versão completa está disponível exclusivamente para professores e instituições educacionais habilitadas.

Para solicitar o acesso completo, entre em contato com a nossa Central de Relacionamento:

 0800 772 2300

 www.ftd.com.br/contato/

